

# A Defesa Nacional

Redactor chefe: PAES D'ANDRADE — Redactor gerente: S. SCHELEDER — Redactor secretario: A. PAMPHIRO  
Red. e off. — Rua da Quitanda, 74

ANNO XI

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1924

N.º 127

**Grupo mantenedor:** Betholdo Klinger — Presidente de Honra.

Paes d'Andrade, S. Scheleder, A. Pamphiro, (redactores)  
Mendonça Lima (thezoureiro), Nilo Val, Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho,  
L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Pericles Ferraz, Newton Cavalcanti,  
Daltro Filho, Eloy C. Catão, Brazilio Taborda, F. J. Pinto, João Pereira,  
Fran. P. S. Fonseca e C. de Abreu

## SUMMARIO

### EDITORIAL

### REDACÇÃO

Organisação da artilharia de costa .. . . . .	Cap. F. Fonseca
A historia da Policia Militar.....	Cap. Albino Monteiro
A surpreza das communicações telephonicas	Cel. H. de Miranda
O desaperto .. . . . .	Cap. F. P. Cidade
Synopsis das missões de artilharia.....	Major S. Portella
Um anno de instrucção no 4. R. A. M. . . . .	Major B. Klinger
Reconhecimento do terreno .. . . . .	Cap. D. de Assis
Resumo da guerra do Paraguai .. . . . .	Cap. Nilo Val
Factos & Notas.....	
Bibliographia .. . . . .	
Expediente .. . . . .	

# OLIVEIRA ANDRADE & C°

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,

Tintas, Oleos,

Louças, Cutelarias,

Materiaes para Construcçao,

etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio: Norte 7664

Armazem: Norte 7787

RIO DE JANEIRO

A guerra do Brasil com a Republica  
Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pgs. se acha  
á venda nas livrarias: "Scientifica  
Brazileira" á rua S. José n. 11—"Cruz  
Sobrinho" á mesma rua n. 82—"Leite  
Ribeiro" á rua Béthencourt da Silva,  
"Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas  
principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livra-  
rias:

## A GUERRA DA INDEPENDENCIA

— POR —

Amilcar Salgado dos Santos

Acaba de sahir:

## HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

### SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs.  
de texto em composição compacta  
e grande numero de mappas a cores  
«fóra do texto»

Preço (livre de porte) { em broc. 12\$000  
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166  
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129  
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

## A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,  
do Exercito Argentino, a proposito  
da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) — pelo	
Capitão Niilo Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata —	
pelo mesmo.....	3\$000
Notas sobre a Historia Militar do	
Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra — pelo	
mesmo .....	2\$000

A' venda na Papelaria Macedo — Rua da Qui-  
tanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro  
— Rua Bittencourt da Silva

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

N.º 127

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1924

Anno XI

## PARTE EDITORIAL

### O Serviço Geographico

Apezar de todos os esforços até hoje dispendidos, quem meditar um pouco sobre a marcha dos serviços pertinentes á carta do Brazil não poderá fugir á conclusão de que elles não correspondem, de modo algum, ao decisivo proposito de attingirmos, dentro de prazo razoável, o objectivo por elles visado.

Elles apenas vivem porque os orçamentos annuaes lhes proporcionam, á guisa de injecção periodica, verbas sufficientes para não morrerem.

O mais ligeiro exame do problema basta para pôr em relevo sua vastidão e complexidade: de um lado a extensão territorial do Paiz e, de outro, os recursos de que depende e o tempo que reclama. Ninguém ignora, por isso, que a obra será tarefa para seculos.

Mas justamente por essas razões é que ella devêra ser olhada com mais amôr e, sobretudo, com mais methodo.

Não se descubra no que acabámos de dizer recriminações nenhumas a quem quer que seja; não é esse, sinceramente, nosso intuito, ao analysarmos, a largos traços, a situação em que se encontra o serviço em questão.

Nosso proposito é somente constatar e pôr em evidencia a necessidade imperiosa de enveredarmos por caminho mais promissor, sinão quizermos nos condenar previamente a um trabalho sem termo, *per omnia secula*.

O que se não comprehende é que um serviço como esse, cuja relevancia a ninguem seria lícito de bôa fé discutir, venha se arrastando penosamente, á revelia de um plano de conjunto, indicador geral mas seguro das etapas a serem vencidas successivamente, na grandiosa obra de nossa definição geographica.

Um primeiro passo nesse sentido corresponderia a um decidido esforço no sentido de harmonisar quantos serviços geodesicos e topographicos de carácter publico se praticam no Paiz, dentro de directivas technicas previamente assentes pelo serviço da carta geral do Brazil, de modo a poderem ser por ella utilisados como subsidios para o seu desenvolvimento.

Os Estados por um lado, a Marinha Nacional, por outro, sem alludir a outras fontes de menor importancia, executam, consoante seus recursos e em face de suas necessidades, serviços dessa natureza, cujos resultados muito bem poderiam ser integrados no da carta geral, desde que sua practica se subordinasse a prescripções basicas estatuidas pelo serviço geral.

Nesse terreno, entretanto, o esforço carece de ser começado, como exemplo, por casa, pois a desarticulação é prejuizo que reina até mesmo *chez nous*.

Força é confessar que precisámos, portanto, antes de mais nada, tratar de unificar os methodos praticados no sul com os seguidos aqui na Capital.

Sem obscurecer a patriotica dedicação e os ingentes esforços sobejamente postos á prova pela copiosa pleia de brilhantes officiaes que hão despendido o melhor de suas actividades não só nos campos do Rio Grande como nos do Districto Federal, o facto é que a missão austriaca, que ha alguns annos trabalha comnosco, veio trazer-nos, justificando como era de esperar as razões que nos induziram a contrata-l-a, novas luzes sobre o serviço, pondonos ao par dos mais recentes aperfeiçoamentos europeus concernentes não só a novos methodos como aos instrumentos correspondentes.

Os resultados dessa collaboração, dentro em breve tempo, foram evidenciados com um relevo digno do esforço e da honestidade com que ella ha sabido se conduzir procurando corresponder aos fins a que veio.

A carta do Districto Federal que vem de ser concluida e impressa é não só o vehemente atestado de quanto tem ella feito até agora como a mais logicia e confortadora promessa do que, com razão, nos será lícito della esperar no futuro.

Pouca gente, entretanto, avalia a grandeza do esforço que esse trabalho representa, por desconhecer a série innumerable de difficultades que tiveram de vencer não só os officiaes de nosso Exercito como os membros da missão.

O facto vertente, bem assim as circunstancias, de que se reveste, vem mostrar, de um lado, as possibilidades que se nos deparam e, de outro, a necessidade imperiosa, indiscutivel, de proporcionarmos a esse nucleo, tão esforçado e efficiente quão promissor, toda a assistencia que nos seja possível para que elle venha a produzir o maximo de que é capaz.

Porque motivo não se lhes comette a incumbencia de estudar e organizar um plano geral que sirva de base ao desenvolvimento progressivo dos trabalhos concernentes á integração da carta do Brazil?

Um estudo preliminar do assumpto, baseado nos interesses mais imediatos do Paiz, determinaria a ordem de urgencia, isto é, a successão natural dos trabalhos a serem executados, com a prioridade, como é natural, das regiões mais desenvolvidas, no ponto de vista da população e exploração de suas riquezas.

Essas e outras considerações sugeridas por um judicioso exame do assumpto con-

stituirão os dados para a determinação das directivas dentro das quaes o plano poderá ser organizado.

No que concerne ao pessoal o problema apresenta tambem não pequenas difficultades. Basta considerar que os officiaes destacados nos serviços da carta em regra procedem da tropa, a elles sendo forçados a regressar quando mais efficientes, muitas vezes, se hão tornado na especialidade, por effeito da promoção, transferencias ou pelo preconceito de que fóra da tropa não ha trabalho nas condições de accrescer os meritos de um official.

Esta Revista sempre se bateu desassombrada e sinceramente pelo serviço da tropa, que, em these e afinal de contas, é o logar em que se aprimoram e consolidam principalmente as qualidades de commando, por isso que elles constituem os predados caracteristicos de todo official, que é, sem contestação e antes de tudo, um conductor de homens.

E' coisa sediça, e não devemos portanto jamais perder de vista que a preparação de um Exercito não consiste somente na organisação, instrucção e direcção da tropa para o campo de batalha. Uma multiplicidade de orgãos e serviços não raro muito mais complexos do que aquella tarefa adquirem tão relevante importancia que a deficiencia, sinão a fallencia, de seu concurso efficaz e opportuno importa quasi sempre na impossibilidade absoluta da tropa cumprir a missão que lhe é propria no campo de batalha.

Si assim é, não vemos razões suficientemente ponderosas para que se desautorisem ou desmereçam actividades e serviços cuja contextura organica no seio da tropa é condição vital de sua propria existencia e conducta.

Em um de nossos ultimos editoriaes, a propósito dos serviços technicos do Material Bellico, procuramos pôr em relevo identico ponto de vista, referente ao pessoal technico d'esse serviço, no que concerne principalmente á direcção e funcionamento de nossas Fabricas e Arsenaes.

*Mutatis mutandis*, ambas as questões revestem aspectos muito coincidentes posto que, no caso vertente, a formação dos especialistas não offereça a mesma complexidade que se nota no outro.

Seja como fôr, a organisação de um programma nas condições expostas não

pode deixar de prevêr, no tocante ao pessoal, uma serie de disposições que assegurem o seu funcionamento normal, sem prejuizos para os quadros de tropa nem dos interesses individuaes de seus elementos.

N'aquelle como neste caso não vacillaremos em confessar não é coisa facil attender a essas necessidades e harmonisar interesses tão contraditorios quão ponderosos.

Mais uma vez, entretanto, volvemos a afirmar taes difficuldades não podem adquirir o direito de entibiar-nos o animo, fazendo-nos recuar d'uma vereda que o bom senso está mostrando, com uma clareza crystallina, ser o verdadeiro caminho para a realização séria e methodica de uma obra, cuja vastidão, no tempo e no espaço, é a maior força do argumento de que sem um projecto sabio e previsor, que lhe assegure um desenvolvimento systematico e ininterrupto, jamais será concluida.

## Organisação da Artilharia de Costa

### Principios geraes da defesa de costa

#### *Trabalhos permanentes*

As obras permanentes de fortificação são construidas no sentido da defesa das fronteiras de um Estado contra a invasão por parte de forças armadas de um outro. Dividem-se em duas classes geraes, dependendo de sua collocação: defesas terrestres e defesas de costa.

Na Europa, onde os Estados differindo materialmente em nacionalidade, raça, instituições, confinantes uns com os outros, todos mantendo grandes exercitos permanentes, é muito necessário que as linhas que os separam, frequentemente imaginarias, sejam inteiramente defendidas por trabalhos permanentes.

A Inglaterra, do outro lado, forma um reino, não tem terras fronteiras, e por isso sua costa forma a sua primeira linha de defesa.

Nos Estados Unidos as condições diferem de ambos, isto é do Continente europeu e da Grã Bretanha. Os E. U. têm terras fronteiras no Norte e no Sul, porem os paizes limitrophes não mantêm grandes exercitos permanentes, o que leva os americanos a rigorosamente supporem que o seu territorio seja alvo de invasão de outra direcção. Como um facto positivo os seus tratados politicos com o Canadá prohibem a manutenção de armamentos nos grandes lagos, e, por influencia ao longo da fronteira terrestre. Conclue-se que a unica direcção que podem rasoavelmente encarar como ameaçada de soffrer uma possivel invasão em tempo de guerra é através do

mar. Assim parece demonstrado por que a unica fronteira defendida por elles por fortificações permanentes é a linha de costas.

#### *Impraticabilidade de uma defesa costeira continua*

A questão por isso é: como obter uma defesa adequada? É manifestamente impossivel estabelecer uma linha continua de fortificações; então os portos importantes, commercial ou estrategicamente, ou ambos, devem ser seleccionados para serem fortificados.

O sistema americano permanente de defesa de costa é o resultado de cuidadoso estudo por uma junta de defesa de costa conhecida como «Endicott Board», instituída durante a primeira administração do Presidente Grover Cleveland, e que recebeu esta denominação por ser Secretario da Guerra William C. Endicott.

Este corpo ou junta visitou todos os portos importantes das costas marítimas desde Eastport á Brownsville e de Blaine a San Diego, e como resultado de um cuidadoso estudo da situação recommendou os portos que deviam ser providos com fortificações permanentes e o caracter do armamento a ser installado em cada um.

Ainda que este corpo se tivesse reunido ha quasi 30 annos, é interessante notar-se que o sistema esboçado por elle tem sido seguido quasi pelos ultimos. Algumas modificações foram feitas, assim, por exemplo, como o estabelecimento de uma cadeia

de fortes nas ilhas cruzando a entrada de «Long Island Sound» em vez de fortificar as enseadas das cidades de New London e New Haven, e a eliminação de todas as baterias fluctuantes.

Ha alguns annos um corpo semelhante, conhecido como o «Taft Board» (chefeado pelo Secretario da Guerra William H. Taft), de novo estudou a situação, e recomendou algumas ligeiras revisões. O schema defensivo, assim como delineado pelo primeiro e modificado pelo segundo corpo, foi praticamente completado, com excepção das fortificações na entrada de Chesapeake Bay e San Pedro (o porto de Los Angeles).

Augmentado o territorio americano, com a expansão territorial resultante da Guerra Hespanhola e a construcção do Canal do Panamá foi necessário o levantamento de trabalhos de fortificação, de poderoso caracter para a defesa de Manilhá e Subic Bays nas Ilhas Filipinas, Honolulu e a grande base naval em Pearl Harbor nas Ilhas Hawainas, o canal Zona e a estação naval em Guantanamo, Cuba. A construcção destes trabalhos foi impellida com vigor e elles estão neste momento quasi concluidas.

### *Portos fortificados*

Os portos escolhidos para defesas permanentes de costa dentro do limite continental dos Estados Unidos, são os seguintes:

Na costa do Atlântico: A entrada do Rio Kennebec, Portland, Portsmouth, Boston, New-Bedford, Narragansett Bay, á entrada oriental do Long Island (canal de), New-York, a entrada do rio Potomac, Hampton (enseada de), a entrada do rio Cape Fear, Charlston, Port Royal (Beaufort), Savannah, e Key West. Destas, as defesas de Baltimore, o rio Potomac, e a enseada de Hampton (Roads) tornaram-se de secundaria importancia devido a terminação das fortificações da entrada da Bahia de Chesapeake.

As defesas de Port Royal foram feitas para a protecção da estação naval desse lugar. Desde o abandono virtual desta estação pelo Departamento da Marinha, a guarnição de artilharia de costa foi retirada e a importancia das defesas grandemente diminuida.

Somente depois que os fortes e baterias foram construidos e os canhões collocados na entrada do rio Kennebec, é que suas guarnições foram providas sufficientemente.

Na costa do Golpho os portos fortificados são: Tampa, Pensacola, Mobile, a entrada do rio Mississipe e Galveston.

Na costa do Pacifico são: Puget Sound, a entrada do Columbia, San Francisco, Los Angeles (S. Pedro), e San Diego.

### *Collocação das fortificações de Costa*

Tendo sido escolhidos os portos a serem defendidos, a questão que surgiu immediaita foi, como devem ser as defesas collocadas? Neste ponto houve certo descuido nos ultimos annos e assim algumas das defesas construidas ha mais de dez annos não foram dispostas de accôrdo com as ultimas e melhores idéias tacticas e estratégicas.

E' manifesto que a resposta para esta questão é fundada na consideração do problema de como serão melhor conduzidas as possiveis formas de ataques que podem ser levados contra as defesas.

### *Classes de ataques*

As defesas de costa são sujeitas a tres especies de ataques a saber: do mar, de terra, e do ar; comprehende-se que estas formas podem ser combinadas. Os americanos consideram os ataques combinados como a forma mais provavel no desfecho de uma determinada operação naval contra as suas defesas costeiras.

Elles queixam-se que pouco ou nada tem sido feito no sentido de abastecer as defesas de terra para seus fortes.

Elles são excepcionalmente bem defendidos, em relação a um inimigo provavel, pois, as suas frentes marítimas são importantes, o ataque será maritimo e o atacante difficilmente manter-se-ha em aguas americanas sem possuir bases de valor. Uma esquadra pelo bombardeamento, sem operação combinada de desembarque, nada conseguirá.

### *Bombardeamento*

Ha diversas formas de operações para um ataque naval. Por exemplo, navios podem conservar-se collocados o mais pro-

ximo possivel e bombardear o forte, tendo em vista inhabilitar canhões e estações de fire-control e produzir tanta desmoralização entre o pessoal quanto possa ser possível. Este methodo nunca produz resultados decisivos, como foi amplamente

demonstrado nas primeiras phases da campanha dos Dardanellos.

Trad. pelo Cap. F. Fonseca.

(Continua).

## A HISTÓRIA DA POLÍCIA MILITAR

Está para breve a publicação da «História da Policia Militar», pacientemente elaborada por uma commissão de officiaes, escolhida pelo general Silva Pessoa, activo commandante dessa corporação. Coordenando factos e revivendo tradições inapagaveis, virá esse trabalho, minucioso e documentado, provar á saciedade o numero incalculavel de serviços prestados pela policia carioca desde os seus primeiros albores. As suas paginas demonstrarão o perenne devotamento de seus membros á causa da nação, mesmo nos seus mais afflictivos transes, quer nos tempos coloniaes, quer durante a monarchia, como no regimen republicano.

Generaes dos mais illustres tem exercido o seu commando, com brilhantismo e efficiencia. Se remontarmos ao tempo da regencia veremos Caxias collocado por Feijó á testa do «Corpo de Permanentes», cuja organização realizou com exito. E Caxias, sabendo que commandava um aguerrido nucleo de homens resolutos, encorporava sempre ás tropas com que devia effectuar a pacificação das provincias, contingentes de «permanentes», sempre avidos para acompanhar o chefe estremecido. Sete annos depois, devendo proseguir na sua missão de paz, empunhando o ramo de oliveira, deixava o commando a que se havia affeiado para ser substituido por Polydoro Quintanilha da Fonseca Jordão, mais tarde visconde de Santa Thereza, a quem coube a prebenda de consolidar a organização de Caxias.

Polydoro conservou-se no commando, por 13 annos, em duas temporadas, prestando serviços inesqueciveis. Foi elle que conseguiu da Assembléa Constituinte a lei de reformas e pensões, tornadas em 1853, extensivas aos officiaes, praças e suas familias. Foi elle que officialisou o soldo do policial até então sujeito a

mirradas gratificações, á guisa de «pró labore». Os seus relatorios constituíam verdadeiros gritos de alarme em favor de seus commandados. Ao mesmo tempo que exigia delles a maior correção e disciplina, suggeria ao governo a oportunidade de recompensar os seus esforços, creando até escolas de primeiras letras para lhes ensinar o alphabeto. Os seus argumentos eram irrespondiveis. Para convencer o governo expunha nitidamente a triste situação a que fôra conduzido um capitão do corpo, que se invalidara no arduo serviço de policiamento, sendo deshumanamente excluído das fileiras e obrigado a esmolar na via publica. E vivamente impressionado por tão lamentável facto, promoveu subscripções que foram coroadas do melhor exito. Prestou sempre aos seus commandados os mais assinalados serviços. A corporação foi por elle completamente remodelada. Deixou-a para dirigir a Escola de Applicação do Exercito, ficando, porém, como continuador da sua obra o official do Exercito, que consigo servia no cargo de fiscal do corpo, o major Francisco Gomes de Freitas, promovido a tenente coronel commandante.

A Gomes de Freitas succederam o coronel Antonio Sampaio, consagrado heroe de Tuyuty, o coronel Pedro Drago e, a seguir, Manoel José Machado da Costa, a quem coube a prebenda de marchar com o corpo, transformado em 31.<sup>o</sup> de voluntarios, para os campos do Paraguay.

Examinando bem a acção do corpo nessa partida e os episódios de que se revestiu esse acontecimento veremos porque Olavo Bilac collocou o prestigio de seu verbo fluente e culto ao serviço da nação, apontando á mocidade o caminho da caserna. Não foi por simples dilectantismo que o genial poeta foi á terra dos bandeirantes soltar o grito de alerta, cuja

repercussão tanto auxiliou o desenvolvimento militar do nosso paiz. Seu pae, o dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac, fôra como cirurgião do 31º de voluntários, fazendo toda a campanha. Esse distinto facultativo, a quem d. Pedro II dedicava especial carinho, ao testemunhar a gravidade dos factos que ocorriam nas nossas fronteiras meridionaes, ofereceu-se em 1863 para prestar, gratuitamente, os seus serviços clínicos, no «Corpo Policial», passando por isso a fazer parte integrante do seu «serviço de saude». E quando os clarins tocaram a reunir para o embarque reclamava elle a vez de partir, visto haver enfermado subitamente o cirurgião mais antigo, a quem isso competia. Seguiu como simples tenente medico e regressou como major cirurgião do corpo, em cujo posto se conservou até 1876. Mezes depois da partida do 31º, soltava Olavo Bilac os primeiros vagidos nesta capital. Nascerá portanto quando o autor de seus dias vibrava no ardor das pelejas, com todo o seu pensamento voltado para a imagem da patria. Foi talvez por isso que lhe coube a gloriosa tarefa de despertar a mocidade do lethargo a que vivia jundida.

As policias militares, que muitos consideravam vagos reflexos das antigas milicias territoriales, contribuem poderosamente para o equilibrio da ordem social, ao mesmo tempo que se adextram para a lucta contra os inimigos da patria. Tem sido assim em todos os tempos. Lendo cuidadosamente dois livros do tenente coronel Pedro Dias Campos, da Força Publica de S. Paulo, «A Revolta de 6 de Setembro» e o «Espírito Militar Paulista», verificamos, documentadamente, a utilidade daquella tropa, cooperando com exito em contendas varias, merecendo mesmo os encomios do marechal Floriano, durante a phase aguda da revolta de 1893.

E' dupla e extenuante a função do soldado de policia. Recebendo armas para a sua defesa pessoal elle deve saber manejal-as se não quer ser um titere nas mãos dos malfeiteiros. Deve saber agir militarmente para os effeitos da repressão collectiva, em desordens generalisadas. E apesar de tudo, deve ser policial, na accepção lata do vocabulo, conhecendo

todas as modalidades dessa função, apredendo a respeitar os direitos alheios, a conhecer a alcada das autoridades a quem fica subordinado, a agir com brandura quando previne e com decisão quando reprime. Não pôde ser um bissonho, um analphabeto sem a necessaria cultura para a conveniente interpretação dos regulamentos a que deve obedecer. Deve finalmente ser um soldado apto aos grandes embates, para defender sem vacilações nem tibiesas a integridade nacional.

E a historia a que alludimos virá mostrar o que tem sido o esforço herculeo das corporações policiaes, porque a historia de uma polícia é a historia de todas as policias. Todas pagam o seu tributo de sangue. Todas correm a defender a sua patria. E finda a refrega, continuam o seu fadario, rondando ao sol e á chuva, expostos ás mais rudes provas, recebendo sem tugir nem mugir os mais pesados doestos, nas tribunas, nos periodicos, nos livros e até dos palradores de rua, como dos chronistas habituados a tripudiar da honra alheia. E porque? E' que lhes está reservada a ingloria tarefa de embargar a ligeireza dos meliantes, que, como é bem de ver, não recebem com prazer a sua acção benifica.

De forma que não é só nos campos de batalha que os policiaes pagam com a vida a sua dedicação, no cumprimento do dever. Em épocas normaes tombam elles muitas vezes victimados pelos sicarios. O delinquente contumaz busca todos os meios e modos de se desembaraçar do seu detentor. E não seja este um homem habil e sobretudo apto á defesa pessoal, que terá apenas desditas a lamentar. Nem siquer lhe resta o direito de gosar, como o resto do publico, porque nos grandes momentos de expansão é a sua presença reclamada por toda a parte, para manter a ordem, enquanto o povo se diverte.

A sua divisa é trabalhar, trabalhar sempre.

Capitão Albino Monteiro.

(da Policia Militar).

# A surpresa das Communicações Telephonicas durante a Grande Guerra

Na passada guerra, desde seu inicio esteve em grande relevo a necessidade de reconhecer toda sorte de informações do inimigo, evitando a si mesmo, a surpresa por este, das proprias communicações. A radiotelegraphia desempenhou, desde logo, um importante papel neste sentido, mercê do emprego de estações: de escuta (ou ouvidouras) e goniometricas; mas a telegraphia pelo sólo teve de completar o dito serviço radiotelegraphic, para recolher as communicações inimigas das linhas telegraphicais e telephonicas situadas nas avançadas, missão que as estações radio não podiam desempenhar.

Si bem que de prompto, realisassem o serviço de *escuta* e localisação das estações radio telegraphicais, os exercitos francez e inglez tardaram longo tempo em realizar a surpresa do Serviço Telephonico do inimigo, assim como em impedir a este, a captação das proprias informações.

No começo da guerra, os aliados atribuiam á manobra dos espiões allemães todas as noticias que delles chegavam ao campo inimigo. Os espiões existiram em crescido n.º durante os primeiros mezes da contenda, mas não tanto quando sobreveio a guerra de trincheiras; e contudo continuavam os allemães perfeitamente inteirados dos planos dos aliados. Especialmente, durante o verão de 1915, se comprovou que os allemães possuiam noticias tão precisas e oportunas que desconcertavam a seus adversarios. Era então muito corrente que os allemães conheciam todos os detalhes referentes á situação da nova artilharia inimiga, á installação de reservas em pontos determinados etc etc. chegando em certas occasões a conhecer até e imediatamente o numero d'um batalhão ou unidade recem-chegada á frente avançada.

Ante tão detalhadas informações, os aliados continuavam na crença de que tal, só podia ser obra de espiões, mas apesar de redobrarem a vigilancia, não conseguiam descobrir um simples caso de espionagem que pudesse corresponder

a uma organisação tão perfeita como seria mister para recolher dados tão minuciosos e communicalos rapidamente á frente allemã.

Como, pelo contrario, se observaram casos em que pelas linhas aliadas se ouvissem palavras allemães e ruidos estranhos, sem que estas linhas tivessem connexão alguma com os postos d'escuta avançados, pensou-se na possibilidade de que os allemães recolhessem as communicações aliadas por indução através da terra. Esta idéa, tomou mais vulto á medida que nas linhas avançadas se multiplicavam as ligações telephonicas, posto que então se comprovasse constantemente a grande interferencia que sobre uma linha produziam outras muito proximas áquelle.

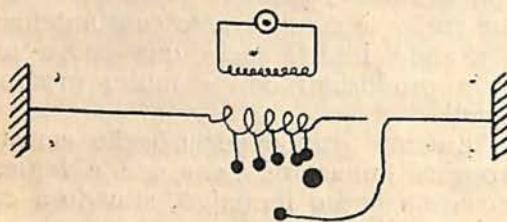
Ante tão grande perturbação em suas proprias linhas, os francezes e ingleses pensaram que o inimigo, situado a curtissimas distancias de seus postos avançados, pudesse tambem recolher parte de suas conversações. Pensaram primeiramente em que os signaes seriam recolhidos por intermedio de conductores metallicos normaes á frente, como vias ferreas, encanamentos, etc. mas algumas experiencias demonstraram com presteza que a propagação das correntes telegraphicais e telephonicas podia effectuar-se simplesmente através do sólo. Dedicaram-se immediatamente os aliados a experimentar processos d'escuta que pudessem ser analogos aos que indubitavelmente se empregavam com exito desde muitos mezes antes, na frente allemã.

Os primeiros apparelhos ensaiados foram de grande simplicidade, mas bastaram para demonstrar que se recebia a palavra a uns 80 metros de distancia e os signaes dos vibradôres á distancia triplice. Uma vez comprovada a comunicação através do sólo, tratáram de determinar por este meio a situação dos postos d'escuta inimigos, e, o que era ainda mais importante, de impedir a captação das proprias communicações.

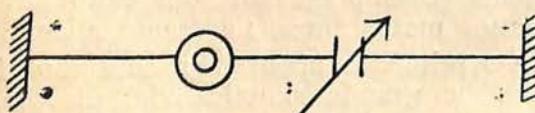
As primeiras conversações allemães foram recolhidas nas linhas francezas me-

diante o emprego de dois receptores telephonicos de pouca resistencia, *connectados* a linhas estendidas sobre ramaes de mina que chegavam a 15 metros das trincheiras allemães. Em cada ramal se estabeleceram quatro ou seis tomadas de terra, realizadas com estojos de cartuchos e capsulas de projectis de 7.5 centimetros, envernizados e cheios de terra para melhor contacto. O sistema era desde logo muito pouco sensivel, devido á simplicidade de seu apparelho receptor. Como o veremos depois, as condições de escuta melhoraram notavelmente ao aparecer a lampada de tres electrodos.

Na frente italiana, foram iniciadas experiencias analogas em fins do anno 1915. Pensou-se, em primeiro lugar, empregar para a intercepção de signaes inimigos, (fig. 1) os mesmos circuitos te-



lephonicos das avançadas, baseando-se na realisaçao pelo mesmo circuito da telegraphia e telephonia simultanea, mas o sistema não logrou exito devido á difficuldade de manter um equilibrio perfeito entre as constantes do circuito telephonico, pela impossibilidade de que estes circuitos fossem perfeitamente isolados. Depois, empregaram os italianos dois systemas de apparelhos. No primeiro (fig. 1) connectara-se um telephone sobre o secundario de um transformador, cujo primario, ligado á base receptora, permittia variar



a vontade o n.º de espiras no circuito. A outra montagem consistia (fig. 2) em connectar em serie sobre a base receptora o telephone e uma capacidade variavel. Este sistema foi o adoptado em definitiva por sua simplicidade de manejo e organisaçao e alem disso porque o condensador permittia annular a corrente continua que podia estabelecer-se na linha base, pela diferença de potencial

entre suas tomadas de terra permittindo tambem tornar minima a *impedancia* da dita base, equilibrando a capacidade do sistema com a auto inducção do receptor.

Posteriormente empregaram os italianos um relais magnetico mas não deu resultado pratico succedendo igualmente o ensaio com a primitiva valvula de Fleming.

Tanto na frente italiana como na francesa a escuta foi debil, enquanto não se poude empregar a valvula de tres electrodos, obtendo-se em compensação, resultados magnificos desde a apparição desta lampada. Os italianos dizem que com 33 estações distribuidas em toda sua frente, recolheram em diversas ocasiões, noticias assaz interessantes sobre os movimentos do inimigo e estado moral do seu exercito. Cita-se como caso notavel a intercepção de uma ordem de ataque em Outubro de 1917, que uma estação de escuta conseguiu comunicar com antecipação de 12 horas de seu inicio. Simultaneamente com os primeiros ensaios de escuta citados, os exercitos aliados decidiram melhorar muito rapidamente o isolamento de suas linhas telephonicas e situar as tomadas de terra das mesmas a 100 metros das trincheiras como minimum. Ordenou-se tambem que a partir do Estado Maior dos batalhões para a vanguarda, jamais se fizesse referencia pelo telephone sobre substituição de forças, nomes d'unidades, observações do fogo d'artilharia etc. comprehendendo-se então, embora tardivamente, a enorme quantidade de dados uteis que haviam sido subministrados a seus adversarios.

Apesar de existirem ordens reiteradas a respeito dos pontos anteriores, os aliados se lamentavam de não haverem conseguido suprimir rapidamente a grande indiscrição que existia nas linhas avançadas. As estações d'escuta viam-se constantemente perturbadas em suas observações pela algazarra telephonica de seus compatriotas. O telephone logrou tanto entusiasmo nas trincheiras que se não podia delle prescindir. Afinal, depois de medidas muito severas, conseguiu-se grande cuidado no emprego do dito apparelho, e seguidamente foram observados os bons resultados da maxima

discrição, pois em 1917 e 1918, os aliados não viram seus planos desconcertados pelo inimigo como o foram por muitas vezes durante 1915 e 1916, em grande parte devido, provavelmente, ao serviço tão perfeito d'escuta que os alemães tiveram desde o principio da guerra.

Em quanto se verificavam os excellentes resultados da lampada de tres electrodos, foi necessário retroceder de muito para a retaguarda todas as linhas com volta pela terra, chegando até distâncias a 1.500 m.os da primeira linha.

Foi tambem comprovado, depois de muitas experiencias, que, para evitar os efeitos da indução não era suficiente fazer metalicos os circuitos, mas necessário alem disso que estes se formassem enrolando seus fios em espiral. A realisação immediata deste principio custou grandes dificuldades pela falta de material e de pessoal, pois era preciso manter uns 60 kilometros de cabo por frente da Divisão, o que só com bastante esforço conseguiram trançar as unidades telegraphicais, auxiliadas por pessoal agregado. Quando se pôde receber o cabo já trançado, o sistema melhorou consideravelmente pelo seu emprego em todos os circuitos da frente, annullando-se então o antigo inconveniente originado pela indução entre linhas paralellas que forçosamente tinham de ir juntas ou quasi juntas sobre o terreno, enquanto que os cabos trançados podiam-se deixal-os juntos, qualquer que fosse seu numero, sem perigo de interferencia, entre seus circuitos: E' claro que transcorreram muitos mezes antes de conseguirem os aliados tão grande perfeição em toda a enorme extensão de sua frente, pois ao laborioso trabalho d'installar todo o novo sistema de circuitos trançados, juntou-se o não menos incommodo e mesmo mais ingrato de recolher todos os cabos com volta por terra, uns inteiros, a maior parte seccionados e muitos bastante enterrados, unico meio de conseguir as maiores garantias com respeito á perda de corrente atravez do sólo.

Para realizar o serviço de escuta, empregaram-se durante a passada guerra quasi indistinctamente as bases de terra ou quadro. As primeiras davam seu maximo rendimento estabelecendo-as paralellas á frente e eram de extensão muito

maior que as empregadas para a comunicação entre estações T. P. S., com o duplo objectivo de augmentar o quadro ficticio para obter maior intensidade de recepção e mais probabilidades de receber o maior numero de estações.

O emprego do quadro receptor tambem é adequado ás estações d'escuta, por tratar-se de curtas distancias ao transmissor, e o quadro presta-se bem a dar então, igual rendimento que as bases, ocupando menor espaço do que estas.

O quadro apresenta, alem disso, a vantagem, quando bem isolado, de ser a escuta muito menos prejudicada do que com as bases, pelas perturbações electricas da terra e atmosphericas.

Durante a guerra de trincheiras empregaram-se muito os quadros de grandes dimensões, com duas ou tres espiras de cabo de campanha, bem isolado, realisando sobre as trincheiras e ramaes de ligação quadros de 200 ou 300 metros de frente por 500 de profundidade e até maiores.

Das experiencias effectuadas em diferentes condições de exploração, se deduz a grande importancia que exerce a resistencia da terra no rendimento das estações.

Em sólos de resistencia normal (de 20 ou 50 ohms) uma estação de escuta pode recolher a perda de corrente d'uma linha situada a 350 ou 400 metros,

Quando o terreno está gelado, reduz-se de muito esta distancia e igualmente é reduzida de modo notavel a audição si se interpõe uma linha ferrea ou um rio largo entre a estação d'escuta e a corrente transmissora.

#### *Apparelhos ideados para evitar a surpresa das Communições*

Ao mesmo tempo que os aliados aperfeiçoavam seu sistema de linhas conforme temos descripto ligeiramente, não deixavam de estudar certos dispositivos e apparelhos que pudessem tornar impossivel ou pelo menos muito difficil a surpresa inimiga.

Empregavam-se com esse intuito dois apparelhos essencialmente distintos. Um delles é o Fullerfone (<sup>1</sup>) baseado no emprego sobre a linha de corrente continua,

(<sup>1</sup>) Descripto pelo Cap. Sastre no Memorial de Maio de 1921.

supprimindo, por conseguinte, os efeitos da indução e o outro apparelho ideado foi um potente vibrador, cuja missão consistia em estorvar a recepção d'escuta que o inimigo fazia em suas linhas mais avançadas.

O Fullerfone apresenta de interesse a transformação da corrente continua que chega da linha em corrente perceptível ao ouvido nos telephones.

Isto se consegue interrompendo a dita corrente continua varias centenas de vezes por segundo e fazendo-a passar por varios condensadores antes de chegar ao telephone. Resulta por conseguinte, que signaes Morse emitidos são recebidos fielmente no telephone receptor.

Este apparelho era a principio de delicado manejo, pois era preciso para seu bom funcionamento o ajuste perfeito do interceptor; mas logo que foi melhorada esta disposição pôde-se empregar com toda garantia.

Em 1917 e 1918 usava-se o Fullerfone com grande aceitação em todas as divisões de vanguarda, em virtude do sigillo que assegurava ás communicações, apesar de ter dois elementos que o impediam de ser totalmente seguro; estes eram um vibrador para as chamadas e um microfone portatil. Foi preciso prohibir o emprego desses apparelhos, salvo casos especialíssimos; o microfone foi destacado do conjunto, levando-o guardado o official responsável pelo seu emprego.

O vibrador ideado para exercer ante o inimigo as funcções de protector das comunicações nas avançadas nasceu do exemplo dado pelas estações radiotelegraphicais perturbadoras. Pensou-se, pois, em perturbar analogamente as communicações através do sólo. Em 1916, installaram os aliados alguns destes apparelhos, mas não se atreveram a empregalos para não perderem então a occasião de surprehender o serviço inimigo. Os vibradores deviam interromper sómente a palavra porque para estorvar tambem os signaes do vibrador, teriam que ser muito volumosos, isto é, improprios para postos avançados.

Este sistema teve pouco emprego e desde logo comprovou-se que não era de todo efficaz porque tornava possivel seguir ouvir a palavra em meio do ruido uniforme produzido pelo vibrador.

Outro meio de combater a escuta inimiga, que algumas vezes praticaram os

aliados, consistia em dar-se ordens falsas por um circuito mal isolado.

Para afiançar a improbabilidade das surpresas do inimigo, recorreu-se, desde logo, a effectuar a chamada nas estações telephonicas mediante signaes convencionados e igualmente adoptaram nomes, cifras especiaes para distinguir cada unidade. Conseguia-se deste modo manter em segredo durante algum tempo a situação de cada unidade, trocando-se todos os nomes enquanto se presumia que o inimigo havia descoberto o sistema cifrado, no todo ou em parte.

As mudanças de sistema cifrado tinham de ser frequentes, ainda mesmo correndo o risco do pessoal telephonista se não habituar immediatamente a empregar os novos pseudonyms.

Para que o inimigo se não apercebesse das substituições e movimentos de tropa, a solução melhor consistia em dividir a rede telephonica de uma frente em numerosos sectores e estes por sua vez em sub-sectores, independentes das forças que os ocupam. Cada sector se distingue por uma letra maiuscula e os sub-sectores pelas minusculas. Obtem-se por conseguinte a chamada do sub-sector pela combinação de sua letra e da do sector a que pertence. Esta nomenclatura não se varia ainda mesmo que se substituam as unidades dos sectores senão quando houver transcorrido um tempo rasoavel, mudando-se então simultaneamente em toda a frente d'um exercito.

Resumindo - se o anteriormente exposto, diremos que os aliados não conseguiram evitar a surpresa inimiga senão depois de aumentarem assás as precauções nas zonas avançadas. Em 1916 quando apareceu a lampada de tres electrodos, teve de se retirar o telephone até dos Quartéis Generaes de Brigada, posto que o circuito perfeito, trançado e bem isolado, fosse muito difficult de manter alem a vanguarda pelas constantes rupturas produzidas pela artilharia.

A garantia de não subministrar noticias ao inimigo residia mais na disciplina do emprego do telephone que nos melhoramentos das linhas e apparelhos. Estes melhoramentos haviam chegado a um apreciavel grao de aperfeiçoamento com a lampada de tres electrodos e o duplo circuito enterrado a dois metros de profundidade.

Deu-se, por conseguinte, grande importância á missão dos postos d'escuta, consistindo em confrontar qualquer indiscrição das proprias tropas. Esta missão e — a especial de surprehender os despachos inimigos exigiam a locação das estações, o mais alem possível, nas vanguardas, em abrigos ou trincheiras abandonadas, lugares desde logo nada seguros e menos confortaveis.

O serviço era muito pouco conhecido para permitir evitar a denuncia das indiscreções, mas mercé delle e das punições impostas com rigor a quantos fizeram uso indevido das linhas, chegou-se a dominar o vicio de falar, que tanto havia favorecido ao inimigo em epochas anteriores.

Com respeito á captação das notícias inimigas pelos alliedos, as estações d'escuta prestaram util serviço, mas não tanto quanto se esperava. Era sumimamente difficult alcançar fructo de tal espionagem,

porque os allemaes estavam demasiadamente preparados contra ella, sem duvida, pelo grande exito conseguido com seu serviço d'escuta. Alem disso, o Estado Maior Allemão, estava mais treinado que o dos Aliados e contava com um exercito muito coheso, a que, sem duvida, impoz-se desde o primeiro momento uma rigorosa disciplina no emprego do telephone. Os ingleses, em contraposição encontravam não poucas dificuldades para estabelecer um serviço efficáz, porque seus officiaes de signaes, encontravam inconvenientes em suas relações com os Chefes de Corpo, ao tratar-se da reparação de linhas e emprego adequado do telephone.

(assig.) *Carlos de Bordons.*

Trad. pelo Coronel H. de Miranda

(Do Memorial de Ingenieros del Ejercito — Madrid).

## O DESAPERTO

Os nossos soldados velhos, — esses que conheceram todas as instruções sem saber nenhuma dellas e cujo typo fundamental era o liricamente grotesco

«Da quarta companhia,  
«...pé espalhado  
«Bigode de arame  
«Cavaignac de arrelia»

como resavam as estrophes que a molecada entoava ao som das cornetas, — não foram versados nos principios subtis da logica classica. Para elles, a carranca de um furriel e o palavrão desbragado do seu cabo valiam muito mais do que esse tal Aristoteles, que viveu ha muitos annos lá nas terras dos gringos e de quem um alferes-alumno fallara, num dos raros dias de instrucção.

Eis ahi porque se alguém perguntasse ao antigo «110 da 4.<sup>a</sup>» que diabo de cousa era o *desaperto*, elle havia de responder, sentencioso, que o *desaperto* consistia em não se apertar, mesmo nos maiores apertos.

Não faltará quem diga que essa definição é de cabo de esquadra. Paciencia.

Homem de alguns estudos, eu não me sinto mais á vontade para definir um «phenomeno» de tal ordem. Vou apenas fazer mais uma tentativa, sem me responsabilizar pelos seus resultados.

O campo é por demais vasto e força é limital-o exclusivamente aos assumptos dos quarteis, deixando de parte os desapertos historicos e outros que taes. Todos conhecem o caso do apostolo Pedro negando o mestre, que é dos mais celebres desapertos de que ha memoria.

\*

O desaperto militar comprehende tres categorias ou sub-divisões:

- a) O desaperto propriamente dito;
- b) O desaperto impropriamente assim chamado;
- c) O desenfiamento.

O desaperto em qualquer de suas especies não é uma instituição regulamentar e, não obstante, tem suas regras e obedece a uma lei fundamental.

Herva damninha que é, vale a pena de um estudo serio, embora d'ahi não resulte

a certeza de acabar com ella. Tambem em astronomia, as descobertas de Kleper, Newton e Gallileu não nos permitem retardar de alguns minutos a hora do pôr do sol.

\*

Por definição, o desaperto é um meio de occultar ou suprir as proprias faltas, pelo desenvolvimento de uma philanthropia inconsciente, no meio em que vivemos. Exemplo: o soldado extravia uma peça do seu equipamento ou do seu uniforme e vae ser castigado. Trata-se, para elle, de resolver um duplo e serio problema, qual o de encontrar um coração bem formado que, mesmo a contra gosto, se apresse em soffrer por elle os dois castigos que a falta comporta — o pecuniario ou desconto e o physico ou xadrez.

Dado um mimetismo que lhe é inherente, o desaperto muda ás vezes não só de côr, como de nome. D'ahi, as suas tres sub-divisões, á primeira das quaes pertence o exemplo acima, incluido na cathegoria *a*.

A' cathegoria *b* pertencem os desapertos impropriamente assim chamados, quando são de facto verdadeiros furtos.

Neste caso, não se trata para o autor de encobrir uma falta, fugindo ao castigo regulamentar, mas de arranjar dinheiro, pela venda, por preços infimos, de objectos pertencentes a outros ou a elles distribuidos.

Modernamente, desde que se trate de fugir a uma responsabilidade, o desaperto passou a chamar-se *desenfiamento* e a constituir uma terceira cathegoria, a cathegoria *c*.

Ainda, um exemplo:

O capitão Y. foi nomeado para uma commissão qualquer. Passam-se os dias e a commissão fica esquecida.

Quando menos espera, vem-lhe ás mãos um envelope, quasi sempre de grande formato, desses que a gente não abre sem uma certa curiosidade e uma certa emoção. É uma portaria para informar, segundo a formula consagrada, «com a maxima urgencia», do motivo por que não compareceu no dia tal, em tal logar, a tal hora, para se desempenhar de uma tal commissão.

E' como se um raio lhe cahisse aos pés! Pelo momento, estava apertado...

Em todo o caso, tratava-se de informar com a tal «urgencia».

Em que dia mesmo se déra a nomeação? Só o caderno de boletins poderia dizer. Finalmente, os olhos do capitão Y. cahem sobre a epigraphe: *Nomeação*. Neste momento, um raio de luz illumina-lhe a face sombria.

O primeiro sargento esquecera-se de sublinhar essa epigraphe com o lapis de côr, omissão que elle não havia notado, quando leu o boletim.

Apparecerá o coração generoso, destinado a pagar o pato, verdade que a contra gosto!

Servindo-se desse pretexto excellente, o capitão Y. desenfia-se por trás do primeiro sargento, que por sua vez busca desenfiar-se por trás de um dos outros graduados, geralmente do que naquelle dia estava de serviço.

Eis ahi uma modalidade que pertence mais ao corpo de officiaes e vae, quando muito, até aos sargentos.

\*

Para o desaperto propriamente dito, alguns apertados recorrem aos *macacos*, originalissimos *belchiores*, onde são comprados e vendidos os fructos das rapinas dos quarteis.

Os macacos instalam-se quasi sempre em pequenas casas de negocio, botequins e vendas de turcos e lusitanos.

No sul do paiz, alguns judeus e mesmo nacionaes entregam-se a esse ramo de negocio.

Algumas casas mais importantes, das que compram e vendem objectos usados, têm uma secção militar.

Isso é, no entanto, mais ou menos raro.

Nas tascas dos turcos e lusitanos a moeda corrente, nos casos de pequenos objectos, é quasi sempre o paraty com gomma. O dinheiro circula, em todo o caso, quando aparecem artigos de maior valor, como os capotes, as roupas brancas e as botinas.

O capote é sempre um artigo de grande sahida, seguindo-se-lhe as roupas de cama, as pistolas Parabellum e as botinas.

Já se vê que o preço de compra é infimo...

\*

Vejamos agora que o desaperto obedece a uma lei, que é fundamental, de que decorrem varias regras, que são observadas escrupulosamente.

Assim: «O desaperto é feito sempre para a esquerda».

Esta lei, na sua apparencia tão simples e tão banal, contem tudo.

O seu enunciado obedece a uma formula muito antiga, decorrente da tactica elementar dos tempos idos.

Todos sabem que quando os soldados entram em forma, em linha, os que se acham á esquerda são obrigados a ceder a toda pressão vinda da direita e a resistir a toda pressão que venha da esquerda: é o que significa o «desapertar para a esquerda».

Por outro lado, á esquerda dos mais graduados ou dos mais antigos, formam sempre os mais modernos ou menos graduados.

E' em obediencia a essa lei fundamental que os soldados novos são as victimas escolhidas, ao passo que só raramente um soldado velho se queixa de semelhante mal.

Os soldados velhos, sufficientemente versados na lei fundamental, sabem perfeitamente que «o melhor meio de não se apertar é desapertar mais para a esquerda». E assim, quem foi victimado um desaperto, cala-se e na primeira oportunidade faz o mesmo que lhe fizeram.

E' certo que se se conhece que houve um desaperto no alojamento, todos se previnem e mesmo os menos espertos abrem os olhos.

Dessa maneira, a victimada inexperta que dá alarme termina apertada.

\*

O mecanismo do desaperto comporta tres termos essenciaes: o agente, o paciente e o objecto.

O agente confunde-se perfeitamente com o sujeito grammatical, enquanto que o paciente e o objecto, duas entidades distintas, confundem-se grammaticalmente.

O verbo «desapertar para a esquerda» tem todos os aspectos de intranzitivo, quando o soldado diz lá com os seus botões: O de rancho desapertou! Mas, quando se medita no facto inegavel de que ha sempre um individuo que soffre a acção exercida pelo agente, conclue-se que o verbo é perfeitamente tranzitivo. Outras vezes, quando alguem diz, o que tambem é corrente: «desapertei um capote», nota-se a aberração logica da acção exercida pelo sujeito não ser soffrida directamente pelo objecto, que é o capote, mas por um terceiro, que não entra ahi nem como Pilatos no crédo, que bate no xadrez se não se desaperta em tempo.

Aliás, a phrase acima nos mostra que o verbo desapertar tambem é reflexivo.

Eu bem podia ir muito longe nestas considerações, mas como não sou colaborador da *Revista da Lingua Portuguesa*, nem quero me metter em duvidas com o Sr. Duque Estrada, deixo a deixa a outro.

Quem desaperta pode ter ou não ter cumplices.

No primeiro caso, o trabalho não é dos mais difficeis.

O cumplice é em regra um dos plantões da hora, movido por interesse ou por camaradagem.

As horas mais propicias para os desapertos são as do rancho, em que os alojamentos ficam desertos.

Eis um caso typico de desaperto impropriamente dito, passado em Porto Alegre, ha uns 5 annos atrás. Vale a pena cita-lo, porque o meliante foi apanhado num laço que se lhe armou.

Quando a companhia ia ao rancho da tarde, entrava elle no alojamento, vestia o capote que se achava mais proximo de sua cama, depois de ter simulado que abria a propria mala e, em seguida, punha-se ao fresco. Ia vendelo a um belchior que ficava fronteiro ao quartel e punha-se á espreita.

Logo que o plantão era rendido para ir ao rancho, entrava novamente na companhia, para repetir a operação.

Claro é que nenhum plantão podia pensar em prohibir ao soldado o sahir de capote, num dia de frio ou de chuva.

Veremos depois o *truec* para apanha-lo e os resultados obtidos, quando voltarmos a este caso.

Quando ha cumplices e esses são os plantões da hora, fazem-se elles de alheios ao facto e, por um acordo tacito, o que realisa o desaperto não denuncia o companheiro complacente.

A's vezes o accuso favorece a descoberta dos autores dos desapertos.

Pela sua extravagancia, merece ser conhecido um desaperto que só o accuso veio a revelar em Cruz Alta, no 8.<sup>o</sup> R. I., em 1909.

Por falta de recursos, alli dormiam os soldados reunidos em tarimas. Quem quizesse verter agua devia levantar-se e ir a grande distancia, fóra dos ranchos do aquartelamento, com uma temperatura abaixo de zero.

Um soldado de côr preta, filho do norte, resolveu o seu problema descobrindo uma posição que lhe permittia urinar deitado mesmo, sobre um dos companheiros mais proximos. Depois, galgando outro posto mais afastado, desapertava-se facilmente. No dia seguinte, os que appareciam molhados pagavam por elle e passavam por mijões.

Tanto vae a raposa ao ninho, que um dia deixa o focinho, diz o proloquo...

O accuso encarregou-se de denuncia-lo. Um dos habitantes da tarimba foi deitar-se, levando consigo um jornal. Tarde da noite, o jacto forte de urina fez tal ruido ao cahir sobre o papel, que despertou alguns mal dormidos e o delinquente foi apanhado pelos proprios companheiros, sem possibilidades de outros desapertos.

Por signal, que em tempos idos a palmararia era o melhor remedio para urinas frouchas como essa!

\*

A luta contra o desaperto é aspera.

Ha um mal entendido companheirismo entre os soldados da mesma companhia, para difficulta-la.

Ou para evitar uma inimisade, ou por fraquesa, ou mesmo por amisade, raramente se encontra quem denuncie o autor de um desaperto.

O regulamento de 20 de Fevereiro de 1708 punia de morte a venda dos fructos dos desapertos: «Nenhuma pessoa, etc., compre vestidos, armas nem cavallos aos soldados de infantaria, cavallaria, ou dragões, e artilharia: pena de ser tudo confiscado e 10\$ mais de condemnação, e pena de morte aos soldados que os venderem» (Art. 203).

Os Artigos de Guerra do conde de Lippe mantinham a pena de morte para o mesmo delicto: «...aquele furto que se fizer em armas, munições, ou outras cousas pertencentes a Sua Magestade; ou aquele que roubar o seu camarada, etc., perderá a vida conforme as circumstancias; e também se qualquer sentinella commetter furto, ou consentir que alguém o commetta, etc., será castigado severamente e, conforme as circumstancias, incursão em pena capital» (Art. 18).

O actual Codigo Penal da Armada, em uso no Exercito, pune o furto com prisão, desde que o seu valor exceda a 50\$000 (Art. 154).

A regra, porém, é arranjar as cousas de modo que o delinquente seja punido disciplinarmente, isto é, receba um castigo leve.

Questão de indolencia, ou de sentimentalismo mal applicado.

Observa-se que os desapertos são menos numerosos onde o nível intellectual da tropa é mais elevado; do mesmo modo, se os soldados provêm de familias de habitos morigerados, como em geral são os colonos do Rio Grande do Sul, o desaperto fica reduzido a proporções insignificantes. Com o sorteio, houve corpos no extremo sul em que o desaperto praticamente desapareceu.

Contribuiu para isso, sem duvida, o habito da economia, o espirito religioso dos soldados e mesmo a sua relativa timidez.

Deante disso, convém, quando se trata de prevenir ou descobrir um desaperto, que se vigie de perto o elemento criolo, pouco dado a economias, os individuos esbanjadores e menos zelosos pelo que é seu. São elles quasi sempre certos soldados velhos.

Como o desaperto mais comum é o que é feito com a cumplicidade, pelo

menos tacita, de alguns circunstâncias, é necessário responsabilisar, pelo menos pecuniariamente, a todos os soldados que se achem nas immediações do ponto em que se deu o facto. É verdade que alguns inocentes serão apanhados nas malhas do castigo; mas, não é menos verdade que de outra vez esses inocentes serão verdadeiros sentinelas, a impedir desapertos.

Quando se trate de objectos vendáveis no meio civil, é preciso desconfiar da cumplicidade dos plantões e mesmo do cabo de dia. Esse pessoal, em qualquer caso, não pode deixar de ser responsabilizado pecuniariamente, maximamente o plantão da hora, com o qual deve haver o maior rigor. Com isso, os plantões serão mais exigentes, mais activos e não dormirão no serviço.

Uma outra medida útil é o responsabilisar pecuniariamente o individuo que sofre o desaperto, mesmo que seja re-cruta, porque o melhor guarda de tudo que é seu, sem dúvida, é o próprio dono.

A applicação rigorosa dessas medidas reduz o coefficiente dos desapertos.

No entanto, há vezes que uma companhia recebe verdadeiros larapios, contra os quais essas medidas não bastam. Por isso, convém, sempre que há um desaperto, tomar nota do pessoal de serviço no alojamento.

Algumas vezes, a frequência com que se dão desapertos no serviço de certos indivíduos indica uma cumplicidade ou mesmo uma autoria.

Quando dentro de um curto espaço de tempo os desapertos se repetem, apesar de todas as medidas adoptadas pelo comandante da unidade e por seus auxiliares, impõe-se a organização de emboscadas de descoberta, designação quasi anomala no terreno tático ou estratégico, porém lógica no caso vertente. Os processos a empregar não obedecem então a nenhum esquema e variam ao infinito, conforme o espírito inventivo de cada um.

O ladrão de capotes apanhado em Porto Alegre, acima citado, cahio num laço que lhe foi armado por um sargento. Em todas as unidades há sempre um certo número de rapazes de boa procedência, incapazes de qualquer acto menos digno. Pois, um desses rapazes *adoeceu* pouco antes do

rancho e obteve licença para ficar deitado. Quando a companhia seguiu para o refeitório, o doente havia *adormecido*. O próprio plantão estava convencido disso.

Nesse dia, numerosos capotes ficaram estendidos nas camas, propositadamente.

Useiro e veseiro, o gatuno entrou sem capote. Simulou abrir a própria mala e zás! vestiu o capote que se achava na cama mais próxima, pondo-se logo ao fresco.

O *doente* tomou nota que fulano entrou sem capote e sahio de capote. Podia ser que fosse o delle...

D'ahi a pouco chega uma praça para render o plantão, para que este fosse por sua vez ao rancho.

Mal o plantão fôra rendido, o *doente* viu que o mesmo soldado, que pouco antes sahira de capote, entrou no alojamento sem essa peça do uniforme, foi direito à própria mala, que remecheu, sem della tirar cousa alguma. Sentou-se na própria cama, disfarçou e certificou-se de que o novo plantão estava olhando para a rua. Então, zás! agarrou o capote que estava mais perto, vestindo-o. Quando o plantão que fôra rendido para ir ao rancho voltou e tomou conta do seu serviço, o meliante sahio calmamente, sem despertar suspeitas, porque já pouco antes passara por elle com o capote vestido...

O *doente* relatou logo ao sargento o que havia visto e o «desapertador» foi seguido e preso ao entregar o capote ao judeu do belchior.

Ahi foram encontrados mais quatorze ou quinze capotes, dentro de uma caixa de madeira, para serem embarcados na manhã seguinte para uma localidade próxima, de onde haviam sido encomendados por uma sociedade de tiro!

Eis uma emboscada dando resultados como descoberta.

Ahi ficam as minhas observações. Outras terão feito as suas, quiçá mais interessantes e mais úteis.

Aliás, o assumpto comporta outros aspectos, mas, neste caso, a vastidão desafia a prudência de quem escreve e a paciencia de quem lê...

## **SYNOPSIS DAS MISSÕES DE ARTILHARIA**

Missão geral : { acompanhamento  
apoio da inf. { protecção { approximada  
afastada

#### **QUANDO EM ACOMPANHAMENTO IMMEDIATO**

(só na offensiva)

{ ac.: destr. ou neutr. de mtr.      }  
 { prt. af.: fugazes (na perseguição) }      mth.

**QUANDO A DISPOSIÇÃO:** 75 e mth.

missões offensivas	<i>prt. af.</i>	<i>fugazes</i>	antes ou depois do ataque
		<i>interdicções</i>	
	<i>prt. app.</i>	<i>neutralização dos flanqueamentos</i>	durante o ataque
		<i>barragens fixas</i>	
<i>ac.</i>		<i>objectivos sucessivos</i>	durante o ataque
		<i>barragem rolante</i>	
		<i>varrer</i>	
missões defensivas	<i>prt. af.</i>	<i>fugazes</i>	antes do ataque
		<i>interdicções</i>	
	<i>prt. app.</i> : <i>concentrações</i> ( <i>va c/ prep.</i> )		durante o ataque
	<i>prt. app.</i> : <i>deter.</i>	<i>barragens fixas</i>	
		<i>concentrações</i>	
	<i>prt. app.</i> : <i>enjaulamento</i>		<i>no c/ ataque</i>
	<i>ac.</i> : <i>neutralização</i>		

#### **QUANDO CENTRALIZADA**

## MISSÕES OFFENSIVAS

Preparações curtas	<i>prt. af.</i> : c/ bia (agr. de c/ bia.)	
	destruição de rêtôdes	
<i>prt. app.</i>	neutr. dos orgâos de fogo, organiza-	
	ções approximadas	
	cegar (para os observatorios e C. A.)	(agrs. restantes)

	<i>prt. af.</i>	c/ bia. (agr. de c/ bia.) objectivos fugazes interdicção cegar	(agr. missões eventuais)
Durante o ataque	<i>ac.</i>	objectivos successivos barragens rolantes varrer	(agr. de apoio directo reforçado pelo de missões eventuais)
	<i>prt. app.</i>	neutr. dos flanqueamentos barragens fixas	

**MISSÕES DEFENSIVAS**

Antes do ataque	<i>prt. af.</i>	c/ bia. (agr. de c/ bia) fugazes inquietação interdicção	(agrs. de missões eventuais, longinquas, de apoio directo, conforme a zona.)
	<i>prt. app.</i>	concentrações na c/ preparação (toda art., si possível)	
durante o ataque	<i>prt. af.</i>	c/ bia. (art. de exercito, quando houver)	
	<i>prt. app.</i>	deter barragens fixas concentrações	(toda art. div., si possível)
No c/. ataque	<i>prt. app.</i>	enjaulamento (agrs. de ap. dir. e missões eventuais)	
	<i>prt. af.</i>	c/ bia. (agr. de c/ bia.)	
	<i>ac.</i>	neutralização (qualquer art. disponível.)	

No c/. ataque geral: conduzir-se como em uma operação offensiva.

*Maj. Silio Portella.*

## Um anno de instrucção (I. Q. T.) no 4.<sup>º</sup> R. A. M.

(Treichos do livro assim intitulado e notas)

Julgo interessante divulgar a mencionada alteração fundamental.  
DECRETO N.<sup>º</sup>... de... de... de 19..

Autoriza determinadas alterações nos Regulamentos de Instrucção, a titulo provisório, independentemente de Decreto.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da attribuição que lhe confere o art. 48, n.<sup>º</sup> 1 da Constituição e

considerando que os pequenos aperfeiçoamentos ou adaptações e interpretações

a que inevitavelmente sempre dão margem os Regulamentos de Instrucção soffrem no geral consideraveis atrasos em sua adopção, por ficar esta dependente da approvação por Decreto;

considerando que é de muito máo effeito tanto o retardamento nesses pequenos retóques como a reiterada publicação de Decretos para aprovar alterações ás vezes de pouca monta;

considerando que se podem evitar os inconvenientes referidos e até prejuizos

para a execução da instrução si se der ás autoridades responsáveis por esta uma certa liberdade, ainda estimuladora de seu maior interesse

**RESOLVE:**

1.º Ficam os Cmt. de corpos de tropa, brigadas e divisões, directores de estabelecimentos de ensino, e o Chefe do E. M. E. autorizados a ordenar a título provisório alterações nos respectivos regulamentos de instrução ou de ensino, sempre que importem em evidentes aperfeiçoamentos, ou necessárias adaptações, ou cabíveis interpretações ou ampliações, e que em nada afectem á doutrina nos mesmos contida ou consagrada em outros correlatos.

2.º Ficam as mencionadas autoridades com a obrigação de encaminhar ao Chefe do E. M. E. a respectiva participação e, oportunamente, a do resultado do correspondente ensaio.

3.º Fica o Chefe do E. M. E. obrigado a dar publicidade ás alterações provisórias que assim cheguem ao seu conhecimento, na forma do item precedente, ou que resolva mandar adoptar por iniciativa sua; a marcar prazo para lhe ser participado o resultado da referida adopção provisória; finalmente, em face desse resultado, publicar sua decisão a respeito e, se fôr o caso propôr a adopção definitiva por Decreto.

\*

As outras dezessete propostas versam sobre: R. I. Q. T.; R. para o Corpo de Off. da Res. e seu anexo R. para Administração nesse corpo; R. S. M.; Instr. para a matrícula na E. A. O., e R. E. M.; R. Cont.; R. I. R. D.; R. S. Remonta, Instr. S. Ferragem; R. S. V.; R. Administração, R. I. S. G.; R. S. Saúde em tempo de paz; R. Instr. Physica; R. E. Meios de Transm.; R. E. A.; Instr. Distr. Fardamento.

\*

A recente publicação da 2.ª edição do R. I. Q. T. parece torna interessante dar a conhecer na integra a nossa proposta de alterações a esse Regulamento.

\*

Itú, Dezembro de 1923.

4.º R. A. M.

**ALTERAÇÕES DE REGULAMENTOS.—PROPOSTA N.º 2.**

**ALTERAÇÕES NO R. I. Q. T.**

Uma alteração mais radical, que se impõe, é a de extrahir do R. I. S. G. os capítulos II e III do Título I e transferi-los, devidamente remodelados, para o novo R. I. Q. T.

Solução mais brasileira deste assunto seria, porém, inserir no próprio R. I. S. G. este assumpto da I. Q. T., fazendo desaparecer por essa incorporação o actual R. I. Q. T.; não importa que para isso se faça um novo título no R. I. S. G., em substituição aos capítulos II e III do título I.

Outra alteração importante, no sentido de fazer respeitar, mesmo ressaltar, a unidade dos princípios e identidade das armas em todas aquellas subdivisões da instrução que lhes são communs, é a do Título II do R. I. Q. T. Com efeito, ahi encontram-se nos diversos Capítulos subdivisões inteiramente identicas, que entretanto não estão tratadas de maneira igual. Esse defeito estructural é accentuado nas subdivisões da «instrução dos quadros».

Eis a proposta, sob a fórmula de nova redacção dos artigos ou partes de artigos, sem justificações porque parecem superfluas, podendo porém ser dadas para cada caso particular, se forem pedidas:

1. *O Cmt. de cada escalão de tropa, a partir da Companhia (esquadrão ou bateria) inclusive, é o seu instructor permanente e responsável. Cabe-lhe a instrução da tropa e dos quadros.*

2. *O programma geral de instrução de cada escalão, obediente ás disposições regulamentares, é assentado pelo Cmt. do corpo e sucessivamente pormenorizado pelos cmts. dos escalões inferiores.*

Os Cmt. de Bda. e de D. podem, com a necessaria antecedencia, baixar directivas para esse programma geral ou para o de certos periodos de instrução ou determinadas categorias de trabalhos; cabe-lhes tambem approvar ou mandar alterar so programmas geraes dos Cmt. de Corpos.

Ao Cmt. de corpo (e ao de btl. ou G. incorporado) cabe aprovar ou mandar alterar os programmas complementares dos seus sub-cmt.

Ao Cmt. de corpo, eventualmente á autoridade superior, cabe indicar, quando não o façam os regulamentos, a época em que devem ser tomadas certas providencias de instrucção, ou deve certo assumpto ser ministrado e inspeccionado, fixar os meios

Durante o segundo periodo e o terceiro...

postos á disposição e distribuilo-s, indicar as partes do ensino ou sessões reservadas ao proprio cmt. (ou ao de btl. ou G. incorporado).

Importa evitar a mera reprodução ou paraphrase das disposições regulamentares, como tambem qualquer determinação que possa entravar a iniciativa dos subordinados, ou sobrecregarlos inutil ou desrazoadamente.

3. O Horario, organizado pelo Cmt. do corpo sobre a base regulamentar, de accordo com as condições climaticas e outras locaes, fixa as condições geraes da labuta quotidiana (alvorada, refeições, serviços geraes), a repartição dos meios de instrucção por sua natureza ou dotação momentanea limitados, e a frequencia dos serviços periodicos (revista veterinaria geral, inspecção sanitaria do quartel, revisões de fardamento, armamento, etc.).

O horario é parte integrante do programma geral.

O Cmt. de btl. ou G. incorporado completa devidamente o horario no que lhe compete pelos regulamentos ou que o horario regimental lhe attribua. Subordinando-se ao horario e ao programma geral do corpo (e disposições complementares do Cmt. de btl. ou G. incorporado) os Cmt. de cia. (esc. ou bia.) assentam o *plano semanal* do trabalho de sua tropa e de seus quadros para a semana seguinte.

Esse plano deve ser submettido ao exame da autoridade imediatamente superior, mediante copia fornecida no ultimo dia útil da semana precedente.

Cada encarregado de instrucção formúla o plano pormenorizado de suas lições e o submette á aprovação do seu cmt. de cia. (esq. ou bia.).

(4 e 5 como estão).

6. O anno de instrucção é dividido em tres grandes periodos:

— O *primeiro periodo* dura quatro mezes, a contar da segunda incorporação, se houver, ao cabo dos quaes os recrutas devem ser mobilisaveis <sup>(1)</sup>.

Neste periodo, o mais tardar imediatamente apóis o exame respectivo, realizar-se-á o compromisso á Bandeira, de preferencia no mesmo dia para todos os corpos da Região <sup>(2)</sup>.

Nesse caso os corpos da mesma guarnição reunem-se para tal fim, mediante ordens do Cmt. da mesma.

Convém aproveitar para o compromisso uma data nacional.

— O *segundo periodo* dura, em principio, dois mezes e destina-se á instrucção conjuncta da cia. (esc. ou bia.).

— O *terceiro periodo* destina-se á instrucção conjuncta de btl., G., R. na Cavallaria, e unidades superiores, e ás manobras.

No decorrer dos tres periodos...

A *instrucção dos quadros permanentes* (officiaes e sargentos) prosegue...

7. Durante todo o anno...

Os Generaes de Brigada...

Haverá exame no fim do primeiro periodo e do segundo. O primeiro é simultaneo para o pessoal das duas incorporações, se houver. Ele é feito na presença do Cmt. do corpo...

Estes exames não comportam...

Não ha exame no fim do terceiro periodo. No correr do mesmo pode ter lugar novo exame de assumptos em que não tenha havido resultado satisfactorio no primeiro periodo, ou que ahi não tenham ficado exgotados, bem como dos homens que no fim do mesmo estavam não mobilisaveis.

No desenrolar do terceiro periodo o Cmt. de corpo acompanha a instrucção de perto...

<sup>(1)</sup> Ver a seguir as disposições especiaes para os recrutas que só fazem o serviço de quatro mezes.

<sup>(2)</sup> No que concerne á instrucção, os deveres e direitos do Cmt. de Circumscripção Militar são os mesmos que os do Cmt. de Região.

As grandes manobras...

8. (Accrescentar no fim).

A instrucción dos officiaes faz objecto de um registo a escripturar pelo ajt. do corpo, segundo ordens do Cmt.; a dos sgt. e a de cada uma das escolas de que trata o n.º 9 dão igualmente lugar a registos separados, a escripturar pelos respectivos encarregados de escola.

O Fiscal do corpo inspecionará frequentemente esses registos de instrucción e de preparação dos quadros.

9. Em principio, constituem-se:

Nos corpos de Infantaria e Cavallaria: (tal qual está).

Nos corpos em geral:

1.º *Escolas de candidatos a cabo*, na razão...

A instrucción durará, em principio, tres mezes, isto é, deve ser concluida com o primeiro periodo.

Os candidatos a cabo são propostos... (tudo o mais como está, substituindo-se a palavra «pelotão» por «escola», e corrigindo no fim): aprovados, que não forem promovidos por falta de vaga o serão pelo Cmt. do corpo ao passarem para a reserva, e com esta designação (cabo da reserva), no limite das vagas existentes no corpo activo para o effectivo de guerra e nos de reserva correspondente. Havendo vagas de sgt., as promoções a cabo da activa serão feitas com excesso, em igual numero.

2.º Uma escola de candidatos a sgt....

Comprehende os candidatos ao posto de sgt. da activa ou da reserva, isto é, cabos e eventualmente anspeçadas ou soldados, que, tendo o curso de candidato a cabo, não puderam ser promovidos a cabo por falta de vaga.

A indicação para essa escola presupõe nos candidatos a posse, em maior grao do que para os cabos, dos requisitos de capacidade de trabalho, robustez, espirito de disciplina e aptidão para o commando.

Esta escola inicia o seu curso ao mais tardar um' mez após os exames da escola de cabos e funciona durante dois mezes pelo menos; o curso pôde ser prolongado até ao fim do anno de instrucción, se necessário.

Os candidatos a sgt. conservam-se nas cias. (esq. ou bias.) desempenhando as funções de seu posto e vão ao exercicio principal diario. A instrucción especial da

escola comprehende unicamente sessões especiaes de maior desenvolvimento da instrucción de soldados e de aperfeiçoamento.

A classificação é feita... analogamente neste posto as promoções que se não fizeram por falta de vaga serão feitas na forma e nos limites expostos no final do n. precedente. Havendo vagas de sgt. ajt., as promoções a 3.º sgt. da activa serão feitas com excesso, em igual numero.

3.º Uma *escola de candidatos a officiaes da reserva*, destinada aos homens de tropa nas condições previstas no regulamento para a admissão no corpo de officiaes de reserva. O curso dessa escola consiste no das escolas de candidatos a cabo e de sgt., a fazer successivamente, independente das desse nome que funcionam no corpo, e a concluir dentro de seis mezes contados do inicio do anno de instrucción da segunda incorporação.

Os aprovados no curso de sgt. continuam a sua preparação para official de reserva no curso de candidatos a cmt. de pelotão (secção).

Os reprovados no exame de cabo ou no de sgt. são ainda matriculados na escola de cabos ou na de sgt., em funcionamento no corpo.

4.º Uma *escola de candidatos a cmt. de pelotão (secção)* para os candidatos a official de reserva de que trata o item precedente e para os demais sgt. do corpo nas condições previstas pelo mesmo regulamento de admissão ao corpo de officiaes de reserva.

Essa escola deve funcionar a contar de seis mezes apôs o inicio do anno de instrucción da segunda incorporação e encerrar o curso com o anno de instrucción. As respectivas ordens são dadas pelo Cmt. do corpo quando não o faça o Cmt. da Região. O curso de cmt. de pelotão (secção) é requisito indispensavel para o accesso a sgt. ajt.

5.º *Cursos de especialistas...*

(Desaparece o item «instrucción do pessoal de contabilidade»).

No art. 10.º, ante-penultima linha, substituir a palavra «pelotões» por «escolas».

18. Um exercicio ou manobra é seguido de uma «reunião geral» dos executantes, na medida do possivel, em que o Director expõe o objectivo que visava no trabalho, manda que os principaes executantes expõham suas ordens e intenções, ou elle

mesmo as resume se já estava sciente, synthetisa o desenvolvimento da accão, faz, em uma palavra, a «critica»<sup>(3)</sup>, isto é, faz resaltar os ensinamentos e, se fôr o caso as faltas commettidas.

Procedendo de outra maneira não só se arrisca a ferir susceptibilidades, mas ainda a restringir o sentimento de iniciativa e o senso da accão, e a entorpecer o gosto pelo trabalho.

Isto não significa...

114. Os pontos principaes da instrucção da tropa são:

- 1.º A educação moral e a instrucção geral;
- 2.º A instrucção a pé (instrucção physica e exercicio a pé);
- 3.º A instrucção a cavallo (equitação e volteio, escola de conductor, traço do cavallo e arreios);
- 4.º A instrucção de artilharia (escola do servente, da peça, da bia.; estudo do material, seu trato);
- 5.º Noções theoricas sobre o tiro, o efecto e o funcionamento dos projectis, o papel tactico da artilharia de campanha;

6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º como estão.

115. A instrucção da tropa deve ser conduzida de conformidade com os principios seguintes:

- 1.º Todos os artilheiros aprendem as funcções de todos os serventes, excepto as de apontador, forçosamente limitadas aos não analphabetos. O maior numero possivel de artilheiros (na artilharia a cavallo todos sem excepção) recebem tambem a instrucção de equitação e alguns são mesmo preparados para conductores excedentes.

<sup>(3)</sup> A palavra «critica» não deve ser tomada na accepção particular, estreita, pejorativa, mas em sua mais lata significação scientifica, de analyse e suas conclusões. Com effeito, o objectivo da critica é ensinar e para isso é necessário esmiuçar, examinar, julgar e estabelecer as conclusões, afim de tirar proveito do trabalho executado, e evitar que se reincida nos mesmos erros. Antes de formular a critica o Director deve colocar-se mentalmente nas condições exactas em que a accão se passou, e para julgar de uma decisão não deve deixar influenciar-se pelas informações ou intenções que elle possuia e que o executante não podia ter ou adivinhar. Sempre indicar qual a solução preferida, justificando-o succinta e claramente.

Os conductores devem receber a instrucção de municiador, carregador e conteirador (114 item 4.º) e as noções theoricas de artilharia (114 item 5.º);

- 2.º ....
- 3.º No fim do primeiro periodo de instrucção os soldados devem estar mobilisuveis, isto é, ser capazes de desempenhar *perfeitamente* na peça ou as funcções para que foram trabalhados e estar *iniciados satisfactoriamente* na escola de bia. (ver R. E. A. art. 20);
- 4.º ... (substituindo-se na segunda linha a palavra «artilheiros» por «soldados»; identica substituição no art. 112; e no art. 113, em vez de «escola de artilheiros» deve ser «escola do servente»);
- 5.º A instrucção é aproveitada, desenvolvida e coordenada, no ponto de vista technico e tactico, por exercícios de combate ou exercícios especiaes de manobras (ver capítulo IV), inclusive nos primeiros os de tiro real (escolas de fogo).

116. A instrucção dos recrutas percorre por consequencia o seguinte cyclo:

- 1.º Na segunda quinzena apôs a incorporação os recrutas são submettidos a uma primeira repartição em artilheiros e conductores. Todos recebem a instrucção discriminada no art. 114, salvo a limitação forçosa do seu item 9.º e a do art. 115 item 1.º;
- 2.º O ensino especial dos apontadores novos começa na segunda semana da instrucção dos recrutas (ver R. E. A., art. 25).

Em data fixada pelo Cmt. do corpo, em regra no fim do segundo mez de instrucção, os cmt. de bia. designam definitivamente os soldados que hão de receber a instrucção completa de apontador; convém marcar para a mesma data a designação de todos os demais candidatos a especialistas e a escolha definitiva dos conductores;

- 3.º Após o primeiro periodo desenvolve-se nas bias.... Continuam os exercícios de bia. e executam-se os de G. e R. Durante o segundo periodo assumem capital importancia o trei-

namento de marcha, os serviços de campanha, inclusive os exercícios de combate e os de tiro real.

117. A instrução dos soldados antigas... funções de apontadores. Depois do primeiro período cessa a distinção entre praças antigas e recrutas, salvo quanto a especialistas.

As sessões destinadas...

Sempre que fôr possível...

Em geral a partir do segundo mês de instrução organiza-se com as praças antigas do G. ou de todo o R., um exercício de bia, atrelada (*bia. de alma*) uma vez por semana ou por quinzena, o qual se aproveita para ensino concreto aos recrutas.

Accrescenta-se na nota do pé da página 113:

E' difícil estabelecer uma distinção entre *especialistas* e *empregados* que satisfaça plenamente a todas as exigências práticas, em particular sob o ponto de vista da instrução. *Especialistas* são todos aquelles que necessitam receber uma preparação especial na caserna afim de proverem funções especiais previstas no quadro de efectivos.

A divisão para a artilharia será:

*Especialistas* — Apontadores, pessoal das transmissões (signaleiros, telephonistas, telegraphistas, radios, mensageiros, esclarecedores), clarins, pessoal do serviço de saúde (enfermeiros e padoleiros), pessoal do serviço veterinario (enfermeiros e ferreiros).

*Empregados*: a) *do quadro* — Artífices, ordenanças, forrieis, cosinheiros, de administração, do rancho, amanuenses, do material bellico;

b) *Eventuaes* — Artífices (alfaiate, sapateiro, pedreiro, pintor, etc.), encarregados de fachina, de cavalhada, empregados de biblioteca, pharmacia, casino, pica-deiro, etc.

119. O Cmt. do corpo... especialmente proveitoso.

Os especialistas só são classificados como tales depois do respectivo exame, que para todos deve ter lugar antes do fim do segundo período. Ver indicações particulares nos respectivos regulamentos especiais.

Os que tem lugar designado no quadro do efectivo de paz das bias. e estados

menores são ahí classificados na medida das vagas.

O Cmt. do corpo fixa o numero...

Durante sua instrução especial ou estágio são os candidatos a especialistas conservados nas suas bias. Uma vez classificados e feitas as inclusões nos estados menores sua instrução é mantida e aperfeiçoada por meio de exercícios periodicos especiaes, no decurso dos exercícios e manobras e das escolas de fogo.

(O resto como está).

(Autor da proposta: Major Klinger).

Em cumprimento do disposto no n. 23 do R. I. Q. T. apresentou-se um programa de que dá notícia o seguinte artigo do Bol. R. de 4-12-23

INSTRUÇÃO DOS OFFICIAES: — O programma deste R. aprovado pelo Cmt. da Brigada a que se referio o art. 2º do Bol. de 28 de Novembro é o seguinte:

1.º período: Estudo dos trabalhos dos destacamentos de manobras da Região, em Setembro do corrente anno.

Número de sessões: Tres ou quatro.

Assumptos: a) marcha de um destacamento tirado do grosso de uma D. I. estacionada, a estabelecer-se como flanco-guarda da D. I.;

b) Estabelecimento desse flanco-guarda, continuando a D. I. estacionada;

c) Avanço desse flanco-guarda contra um destacamento inimigo que vem por esse flanco.

Nota. Este estudo será associado ao de soluções escriptas, pedidas com prazo.

2.º período: Os trabalhos na carta serão associados com trabalhos escriptos, uns e outros tendo em vista a preparação de exercícios de quadros no terreno, visando de preferencia o emprego da bia.

3.º período: Como no precedente, associado ainda ao exercício com tropa, na proporção adequada de preferencia ao Grupo.

Nota. Caso se disponha de tempo se inserirão nos dois períodos os estudos de alguns themes da E. A. O. ou da E. E. M.

Major B. Klinger.

(continúa)

# RECONHECIMENTO DO TERRENO

## Licções ministradas aos meus sargentos

(Continuação)

### V LICÇÃO ESTRADAS DE RODAGEM (Caminhos, atalhos, etc.)

Em todas as acções de guerra têm um papel salientissimo, sob todos os sentidos, os caminhos utilizaveis pelas tropas. Estes caminhos ou estradas, classificam-se, segundo sua origem e o sistema de conservação, em *estradas de arte, melhoradas e naturaes*. As primeiras são as abertas pelo homem segundo preceitos technicos e calçadas, macadamizadas, empedradas, de madeira, etc.. Os caminhos naturaes são os que se formam naturalmente com o transito constante de viaturas e transeuntes de toda especie, ficando entregues a si mesmos, sem mais cuidados de conservação ou melhoramentos. Tal é a maioria dos nossos caminhos, que, nos paizes adeantados, tendem a desapparecer, graças ao progresso da civilização, que remove, com o calçamento e drenagem, a impraticabilidade offerecida por certas e especiaes naturezas do solo. E' assim que caminhos arenosos são postos em bom estado de locomoção com um constante revestimento de argilla. Outrotanto succede nas regiões rochosas, onde a periodica renovação da camada de aterro superposta permite o facil transito. A estes caminhos é que se dá o nome de *melhorados*.

As estradas ainda se distinguem, segundo sua importancia quanto ao transito publico, em *principaes* e *secundarias*. Aquellas têm maior largura do que estas: geralmente de 10 a 12 metros, ao passo que as ultimas variam de 8 a 10.

Chamam *estrategicas* as estradas construidas sob a orientação do Estado Maior, ou as que, já existentes, são por este

reputadas satisfactorias das condições necessarias a uma boa estrada sob o ponto de vista militar, capazes de satisfazerem ás necessidades dos planos de mobilização e concentração das tropas. Tambem assim se denominam as que ligam uma serie de obras destacadas d'uma praça forte ou dos antigos campos entrincheirados.

Ha, na Belgica, estradas custeadas pelo estado, denominadas *estradas do estado* e divididas, segundo sua largura, em estradas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe: aquellas têm 14,50 de largura e estas 11,70, e 13,60 quando atravez os bosques.

São chamadas *provinciaes* as que ligam diferentes centros de uma provinca ou diversas cidades das provincias vizinhas, e cuja administração e conservação está a cargo das proprias provincias. Sua largura é de 9,75 entre os fossos marginaes.

*Caminhos vicinaes* — são os legalmente reconhecidos, ligando, ás vezes, apenas uma propriedade a outra.

Para um reconhecimento desta especie, os dados fornecidos terão de especificar que armas se servirão destas diferentes vias de comunicação, afim de que se possa destinar, sempre que possível, as grandes estradas (calçadas), para a infantaria e a artilharia, e os caminhos mais apartados, á cavallaria.

As armas montadas pôdem, com efecto, vencer os caminhos que lhes são designados fazendo algumas ligeiras voltas no contornar os peiores pedaços, ao passo que a infantaria precisa marchar sempre nos melhores e mais curtos caminhos.

A memoria de reconhecimento de uma estrada (ou d'um caminho) referir-se-á aos seguintes detalhes, expostos no schema infra:

### CLASSIFICAÇÃO

Direcção: de onde vêm e para onde vão; rectilineas ou sinuosas
Onde confinam
Distância do ponto inicial ao final (dada em Kms.)
Denominações proprias
Orientação { geral
por pedaços
Caminhos paralelos ou vizinhos, seu estado
Canhão de montanha
Atalhos { frente da tropa que permitem
diferença de percurso para a estrada
Si são ou si foram recentemente padejadas ou trafegadas

LARGURA (em ms.)	Do leito (sobretudo nos estrangulamentos)
	Descalçadas Quantos homens, cavallos, viaturas pôdem passar, de frente (4 infantes ou 3 cavalleiros fazem a estrada d'uma viatura.) Possibilidade de marchar 6 ou 8 homens? (E' preciso não esquecer que metade da estrada deve ser conservada livre para as columnas que marcham, quer no mesmo, quer em sentido contrario).
NATUREZA	Calçada a pedra { britada pedras irregulares parallelipipedos regulares
	Calçada a parallelipipedos de madeira -> fachinas
	Macadamizada
	Asphaltada
	Terreno natural
	Chão duro -> molle -> arenoso -> argilloso
	Empedrada
	Ferrada
	Batida
	Chão praticavel á artilharia e viaturas E' kilometrada? Seu estado
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	Influencia das intempéries sobre as condições de praticabilidade
	Influencia que este estado de conservação pôde exercer sobre a velocidade de marcha.
	Grão de viabilidade nas diferentes estações
	Materiaes ou meios existentes nas proximidades de os evitar, ou reparar, ou melhorar em caso de necessidade e todos os demais recursos necessarios á remoção de qualquer obstáculo existente
INCLINAÇÕES	Valor ou formula (V. tabella)
	Extensão
	Subidas e descidas avaliadas em horas de marcha, para a cavallaria
	Em aterro
	Em desaterro
	Em flanco de encosta
	Em zigue-zague
CERCADURAS	Em cornija (indicar a existencia de muro de sustentação, de que a destruição interromperia toda a passagem)
	Si é possivel contornar os pontos muito desfavoraveis
CERCADURAS	Selvas
	Arvores
	Fossos { largura profundidade natureza dos taludes seccos ou com agua
	Parapeitos
	Postos telegraphicos, telephonicos, de energia electrica { seu espacamento Fios telegraphicos subterraneos sua grossura média numero de fios
CERCADURAS	Edificios, cercados, muros e cercas de arame farpado ou liso, postes de ferro, madeira ou pedra. { Utilizaveis como cortinas, abatizes, rôdes de fios de ferro.
	Difficultades de travessia pela cavallaria, artilharia e viaturas
	Abrigos que proporcionariam aos atiradores

A DEFESA NACIONAL

TERRENOS ADJACENTES	Mobilidade — facilidade de desdobramento e marcha de columnas colateraes; possibilidade de sua reunião a um lado, influindo ahi a orla de arvores ou fossos.
	Visibilidade — vistas mais ou menos extensas
	Segurança — logares de grande alto
	Plano
	Ondulado
	Accidentado
	Cortado ou golpeado
	Aberto
	Coberto
	Descoberto
BOSQUES E LOCALIDADES ATRAVESSADOS	Possuindo bosques, capões, etc.
	Alturas — perigosas ou não
DESFILADEIROS	Posições vizinhas da estrada.
	{ Em postos avançados - vanguarda de combate, notavelmente favoraveis de guarda de retaguarda
	Natureza dos bosques
	Cidades
	Villas
	Aldeias ou povoados
	Castellos ou fazendas
	Granjas ou cercados (invernadas, portreiros, piquetes) (*)
	Gargantas
	Caminhos excavados
DESFILADEIROS	Desaterros
	Ruas de villas
	Calçados
	Pontes { de barcos pensis
	de pilastra { de madeira ou de pedra
	de estacaia, etc. { de ferro ou mixtas
	Communicações { paralelas cruzamentos
	Alturas
	Posições dominantes { seu commandamento sobre o desfiladeiro e o terreno circumdante
	Direção { rectilinea sinuosa
DESFILADEIROS	Largura { suas variações desafogo
	Frentes de passagem { homens viaturas
	cavallos
	Extensão
	Viabilidade
	Sahida
	Flancos { praticaveis inacessiveis
	rochosos
	escarpados
	dotados de bosques
DESFILADEIROS	Abordo
	Praticabilidade { pôde-se ahi trotar ?
	tempo necessario á sua travessia pela cavallaria
	Permittem tomar o desfiladeiro ? { de enfiada ?
	de escarpa ?
	Facilidades { para o ataque { á frente » a defesa { á retaguarda
	no interior
	Retirada
	Pôde ser contornado ?
	Pôde-se tornal-o impraticavel, barrical-o ?

(\*) Invernada — extenso campo fechado, de boa pastagem e aguadas, podendo variar de uma quadra a leguas de semaria.  
 Potreiro — recinto de campo cercado, de pequenas dimensões (braças), onde se encerra os animais por pequenos espaços de tempo. No E. Oriental os potreiros são limitados por cercas vivas.  
 Piquete — recinto muito menor, sem pastagem, junto às habitações, onde os animais passam a noite.

VARIAÇÃO	Restringimento
	Alargamento
CRUZAMENTOS	Aterro
	Desaterro
PASSAGENS DOS CURSOS D'AGUA	Erosões e desmoronamentos
	Origem } das vias concorrentes
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Termo } Entroncamentos, caminhos nelles desembocados
	Passagens de estrada } ao nível
Rios ou Ribeiros Lateraes	» » caminhos de ferro } plano inferior
	» » superior
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Pontes ou pontilhões — especie de construcção, estado, dimensões (comprimento e largura), capacidade, indicações do curso d'água que transpõem.
	Boeiros } capeados em arco
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Vaus, ou passos } seu estado velocidade da corrente natureza do leito, largura e profundidade variação das marés
	Balsas ou outras embarcações } (possibilidade de as improvisar) quantos homens comportam » cavallos » peças »
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Em casos de ruptura ou intercepção, meios de os evitar, possibilidade de os contornar e de os restabelecer
	Distancias que os separam
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Natureza do terreno intermediario
	Ligam-n'os caminhos transversaes?
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Facilidade para os serviços de flanco-guarda
	Segurança que garantem para os flancos
Caminhos e Alturas Paralelos à Estrada	Obstaculos ás comunicações lateraes

Todos os demais acidentes, como fossos, depressões, vallados, taludes, etc., etc., devem ser anotados, com suas relações ás necessidades da passagem pela tropa.

O terreno vizinho deve constituir o objecto de uma descrição especial, desde que as operações ulteriores a executar-se, proximo á estrada, o tornem necessário. Portanto, deve ser apontado o modo como esse terreno deva ser aproveitado pelas forças em formação de combate. Descrever-se-á, igualmente, as posições favoraveis de combate.

Sobre as localidades pela estrada atravessadas, dizer si é possível contornal-as, de um lado ou de outro, e quantos caminhos diferentes as percorrem. (Claro é que os da direção da marcha têm maior importancia).

Os dados proporcionados e o conjunto da situação farão ressaltar os pontos sobre que convirá aprofundar em detalhes no reconhecimento de uma estrada. Em todo caso, a memoria se pronunciará,

sempre satisfazendo-a de um modo *formal e decisivo*, sobre esta questão:

#### A ESTRADA E' OU NÃO UTILIZAVEL AO FIM QUE SE PROPÕE?

Quando se trata da escolha de caminhos, *caminhos de columnas*, uma vez estabelecido o contacto com o inimigo pelas tropas que marcham na frente, cavalaria, nem sempre será possível o reconhecimento dos caminhos a seguir.

E' a situação em que não ha outro recurso sinão confiar-se nas informações dos habitantes e contentar-se com as indicações proporcionadas pelas cartas, obtendo-se, assim, uma certa facilidade para ver até aonde se pôde proseguir na direção da marcha ordenada. E no caso de erro, que é a peior *hypothese*, ou caso o caminho, a certo trecho, se torne reconhecidamente impraticavel, o melhor será retroceder para de novo orientar-se. Tal criterio — no caso o melhor — não ha duvida que pôde proporcionar varios desabores, taes como, por exemplo, retardar

a chegada de outra columna, com que se contava para o exito de uma operação, o que pôde mesmo acarretar a derrota. Além disso, a volta das viaturas em caminhos apertados torna-se difficult e tem, muita vez, como consequencia, o atravancamento da estrada e a paralysação da tropa. Attendendo-se a todas estas considerações, deve-se sempre reservar ás principaes columnas as estradas pelas cartas indicadas como boas, realmente praticaveis. Uma indicação de bom caminho é a sua recente utilização pelo inimigo em retirada, a qual comporta ainda a possivel vantagem de alcançá-lo, batendo-o com evidente superioridade de condições. Num caso de retirada, a investida por um máo caminho tem ainda outra desvantagem: o inimigo, em perseguição, tomando um caminho melhor, pôde lograr a deanteira e cortar a retirada.

Tratando-se do leito das estradas de ferro quando utilizado como estrada de marcha, o que geralmente se dá em terreno molle ou pantanoso, é preciso lembrar que a estrada se converte num extenso desfiladeiro semi accessos lateraes onde o mais simples tropeço de viatura pôde fazer parar toda a columna, compromettendo-a quiçá seriamente. E' pru-

dente, por isso, não occupal-o com as viaturas, e sim somente com a tropa a pé.

E' um erro dizer-se que as estradas de arte não necessitam ser reconhecidas, por bastarem as indicações da carta, quando precisa e detalhada, por isso que o inimigo pôde tel-as transformado, obstruindo ou destruindo trechos, especialmente pontes, viaductos, etc., o que só com o reconhecimento se poderá verificar.

Os caminhos dos flanco-guardas geralmente são máos, por isso que são forçados, e não pôdem ser reconhecidos em todos os detalhes como o principal; basta que se lhes determine o grão de praticabilidade para cada arma, precisando sua largura minima, natureza do solo, rampas e declives, pontes e desfiladeiros e os demais obstaculos de monta. Devem tambem ser levadas em conta as condições de adjacencias para o caso de estacionamento das tropas.

Tudo isto tem de ser rapidamente avaliado pelo encarregado de tal reconhecimento.

(Continúa)

Cap. Dilermando de Assis.

## RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(Croquis 17)

Pouco antes de romper o dia e quando já a esquadra brasileira havia quebrado o encanto da formidavel Humaytá, o marechal Caxias enfrentou o forte do Estabelecimento.

O general Andrade Neves fazia a vanguarda, á frente da 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria, do commando do coronel Barros Falcão, e 8.<sup>a</sup> de cavallaria, do commando do coronel Hyppolito Ribeiro.

Ao romper do dia, a artilharia brasileira abrio o fogo, que foi logo respondido por 12 peças de terra e mais 10 dos vapores paraguayos que se haviam approximado para a defesa do flanco direito das trincheiras.

Luctavam os paraguayos nessa occasião com superioridade de artilharia e suas

trincheiras se communicavam com o forte por meio de uma ponte levadiça que, uma vez suspensa, fechava a abertura existente no parapeito do forte.

Assinalando os pontos a atacar e as posições das columnas, o marechal Caxias ordenou a investida, não podendo esperar a chegada dos sapadores por que o terreno ocupado era assás estreito e não convinha por isso longa permanencia nelle, visto como a artilharia estava bem dirigida e com alça regulada.

Assim, a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria, auxiliada por meio esquadrão do 4.<sup>º</sup> de caçadores a cavallo e outro do 20.<sup>º</sup> provisorio da Guarda Nacional, recebeu ordem de contornar o flanco esquerdo da fortificação, para atacal-a com violencia pela retaguarda.

O tenente-coronel Sá Brito, com 1 des-tacamento da 8.<sup>a</sup> brigada de cavallaria, recebeu ordem de ameaçar o flanco direito.

Os ataques foram executados com excepcional violencia, mas a defesa não se manteve menos na altura.

Entretanto, reforçada a 1.<sup>a</sup> brigada com a 5.<sup>a</sup> e com os sapadores, então chegados, com escadas e salsichões, foi o forte escalado e cahio em poder dos brasileiros, raros paraguayos conseguindo escapar.

Durante a fuga, chegára um grande reforço paraguayo em 2 lanchões, mas o marechal Caxias ordenára que o coronel Frederico de Mesquita, com a brigada provisoria, impedisse o desembarque, o que foi conseguido, fugindo por fim tanto os lanchões como os vapores.

Commandou a defesa do Estabelecimento o bravo major Sallabarreta, que conseguiu escapar, refugiando-se em Humaytá.

Tiveram os paraguayos 1.000 mortos e 24 prisioneiros, e os brasileiros 148 mortos e 339 feridos.

Tomado o forte, o marechal Caxias mandou retirar a artilharia capturada, destruir as fortificações, e incendiar os depositos das munições que não se podiam aproveitar.

\*

### CONSIDERAÇÕES

O forcamento da famosa passagem do Humaytá e a tomada do Estabelecimento simultaneamente constituíram duas operações dignas do immortal Duque de Caxias, que, ao assumir o commando em chefe das tropas, abandonará a nefasta praxe da inacção em que se conservaram os aliados durante longo tempo.

Era preciso romper aquelle terrivel obstaculo em que se erigira Humaytá, formidavelmente artilhada e defendida por tropas que não mediam sacrificios e cuja extrema bravura não se poderia negar.

A empreza era difficult e não pequenos os riscos que teriam de enfrentar os aliados, mas na guerra, sem as grandes e oportunas audacias, nada se poderia obter muitas vezes.

Simulando um ataque geral por terra e em seguida ordenando o avanço da esquadra pelo rio, bem como o de outras tropas contra o forte do Estabelecimento,

o marechal Caxias lançou uma verdadeira confusão nos arraiaes paraguayos e estes tiveram de dividir-se para attenderem a todos os lados, enfraquecendo-se, portanto, em todos os pontos, como tal era o objectivo do adversario.

Foi uma sabia operação, em que não se sabe o que mais admirar, se a habilidade do plano, se a bravura e o denodo extremados com que foi levada a termo,

Marinheiros e soldados brasileiros souberam honrar dignamente o pavilhão que os gujava e as glorioas tradições dos seus antepassados, alcançando nesse dia memorável o justo direito á veneração da posteridade.

Junte-se a isso a acção importante desempenhada pela esquadrilha da lagôa Pires e o modo intelligente do ataque, por meio de um duplo envolvimento, enquanto se fixava a frente do adversario por um energico bombardeio.

Havia passado, felizmente, o tempo dos ataques puramente frontaes, em que os adversarios se chocavam sem arte, recomençando pouco depois os mesmos choques.

Quanto aos paraguayos, foram elles vencidos porque é esse o destino quasi certo de toda praça forte, mas é de justica consignar-se que não lhes faltou bravura na defesa de suas posições.

O dictador Lopez é que jámais contárá com a potencia da esquadra brasileira, nem talvez com a mudança radical nos processos de ataques dos aliados, dados os antecedentes em que elle teria firmado o seu juizo.

A tomada do Estabelecimento foi um exemplo vivo de que as operações militares precisam ser dirigidas com arte e certo engenho, porque a força bruta, em choques simplesmente frontaes, apenas consegue resultados mediocres em relação ás energias consumidas.

Uma simples manobra, como a que levou ao envolvimento a guarnição do Estabelecimento, foi o bastante para que se delineasse desde logo a derrota a que depois foi conduzido o intrepido defensor do forte paraguayo, que, sem isso, de novo se reorganisaria e de novo faria pagar cara a impericia do contendor.

(Continua)

*Cap. Nilo Val.*

# FACTOS & NOTAS

## Os nossos esforços

Do sympathico matutino «*O Jornal*» transcrevemos a seguinte nota, que muito nos desvanece.

Gratos pelas referencias alli exaradas, cuja veracidade podem atestar aquelles que comnosco convivem Eil-a:

«A DEFESA NACIONAL»

Depois de uma interrupção de dois meses, está sendo distribuido aos seus assignantes o numero de janeiro e fevereiro dessa interessante e util revista militar, que um grupo de dedicados e competentes officiaes do Exercito vem mantendo com o mesmo fulgôr de sempre, através vicissitudes sem conta e lutando obstinadamente para que ella não pereça apôs onze annos de uma existencia proficia á classe a que serve e tambem ao paiz.

Periodico mensal, dirigido sómente por officiaes do Exercito, que nenhuma vantagem pecuniaria auferem dos seus trabalhos, assim como os seus collaboradores, a «A Defesa Nacional» destacou-se por ser um orgão de boa e sã leitura, pelos grandes serviços que prestou á instrucção militar e pelos entusiasmos que soube despertar e procurou sempre estimular.

Fieis ao seu programma de evitar que aos olhos dos companheiros de classe pudesse parecer que procuravam fazer dessa publicação uma fonte de renda, davam os seus dirigentes aos pequenos saldos verificados uma applicação que beneficiava os assignantes da revista, fosse augmentando o numero de paginas, ou distribuindo gratuitamente outros trabalhos originaes, necessarios e de real valor.

A lamentavel agitação, que culminou na revolta de julho de 1922, e cujas deploraveis consequencias ainda hoje se sentem, estendeu os males que acarretou ao Exercito até a revista A Defesa Nacional, perturbando de modo accentuado a sua vida financeira.

Nessa difficil situação, segundo estamos informados, valeu á A Defesa Nacional, que não dispunha de reservas accumuladas, o apoio desinteressado de um official general, então commandante effectivo de importante força militar, (¹), o qual, pe-

sando bem os grandes serviços da revista e prejulgando os que ella ainda poderia prestar, forneceu gratuitamente os meios para a sua impressão até que se normalizasse a situação difficil que atravessava.

O exemplo desse chefe deve ser aqui relembrando como incitamento á imitação. «A Defesa Nacional», ao que é corrente, não tem auxilio dos poderes publicos que a habilite a enfrentar as despesas vultuosas de sua impressão. Entretanto, os serviços de que lhe são devedores todo o Exercito e a Nação, estão ahí a recommendar ás autoridades e ao proprio Congresso, tão prodigo, por vezes, na distribuição dos dinheiros publicos, uma modesta contribuição para que ella continue na mesma trilha, estimulando a instrucção e acordando os entusiasmos da nossa officialidade em prol da defesa do paiz.

## Em torno do sorteio

Como panno de amostra, é bom transcrever, do «O Correio do Povo», de Porto Alegre, esta notícia:

«O juiz federal da secção deste Estado comunicou ao commando da 3.<sup>a</sup> Região Militar ter concedido a ordem de «habeas-corpus» impetrada a favor dos sorteados Alberto Romano Krombauer, Octaviano Ignacio da Silva e Menotti Bianchi, afim de serem dispensados do serviço do Exercito em tempo de paz, por terem provado, os dous primeiros que são o unico arrimo de suas esposas, e o terceiro que é filho de João Bianchi, physicamente incapaz de angariar os meios para sua subsistencia.

Os corpos a que pertencem os sorteados acima referidos devem exclui-los do seu estado efectivo».

O gripho é nosso. Assignala dois casos typicos de isempção. Ha, não obstante, muitos outros, arrancados pela hermeneutica dos legisladores e juristas, ás leis militares. Ha outros explicitamente consignados na lei, constituindo grandes embarracos para o serviço militar. Entre elles, citam-se a faculdade que têm as mães de escolher entre seus filhos um para arrimo seu, sem conprovar que vive de facto ás expensas delle, nem que nos annos anteriores não escolhera outro...

(¹) General Silva Pessoa.

# BIBLIOGRAPHIA

## DIREITO MILITAR

Com o titulo supra recebemos mais um trabalho do operoso chefe Sr. General Moreira Guimarães.

Excusado é dizer que nesta, como em todas as publicações anteriores, o autor com proficiencia e perfeito conhecimento aborda os assuntos com clareza, esclarecendo principalmente pontos controversos. Assim é que em o Cap. VII — *O cidadão e o militar* — demonstra, á evidencia, o papel efficiente e importante do oficial no concerto do evoluir social, a somma de sacrifícios que lhe cabem, de onde os direitos correspondentes.

O livro se recommends á leitura dos intelectuaes em geral, aos estudiosos de direito e aos militares em particular.

Gratos.

## DIRECTIVAS PARA A INSTRUÇÃO DAS TROPAS

Com gentil dedicatoria do Sr. Gen. Abilio de Noronha recebemos um volume, onde estão seriadamente compendiadas todas as decisões tomadas por S. Ex., com o fim de conduzir a instrução da tropa na II R. M. durante o anno proximo passado.

O estudo attento das mesmas demonstra á evidencia o carinho e cuidado com que foi conduzida a instrução e bem assim o grão de aproveitamento da tropa.

A parte referente ás manobras de fim de anno, só por si, é uma fonte de ferteis e salutares ensinamentos, atestando o grão de efficiencia do E. M. da II R. M.

Damos nossos sinceros parabens ao Sr. Geu. Abilio e á distinta officialidade de S. Paulo.

## GUIA TACTICO

Enviado pela Livraria Fernandes e C. a Lim., Rua do Rato — 33 — Lisboa, recebemos um preçioso livro, sob aquele titulo e de autoria do Sr. Coronel Alexandre Malheiro do Exercito Portuguez.

Ao mesmo acompanhou uma colleção de cartas de Lisboa e arredores.

Compõe-se a obra em questão de uma serie de themes tacticos, propostos e resolvidos pelo seu autor, sobre as citadas cartas. Constitue o livro um vasto manancial para estudos tacticos, recomendando-se á leitura de quantos se dedicam a este assunto. Tambem remetidos pelos mesmos editores recebemos, já moldados nos ensinamentos da grande guerra ultima, um *Manual de Baloneta e Granadas* e um *Manual de Metralhadoras*. Recommendamos estes livros aos nossos assignantes.

Recebemos e agradecemos.

*Revista del circulo militar* — Perú — Dezembro e Janeiro.

*Revista del «Círculo militar»* — San Salvador — Dezembro.

*Revista Militar* — Bolivia — Janeiro e Fevereiro.

*Revista Militar* — Argentina — Fevereiro e Março.  
*Memorial del Ejercito de Chile* — Fevereiro.  
*Revista Militar* — Lisboa — Março.  
*Revista Marítima Brasileira* — Outubro, Nov. e Dez.

*O Tiro de Guerra* — Novembro e Dezembro.  
*Revista de Medicina e Hygiene militar* — Janeiro e Fevereiro.

*O Escoteiro* — S. Paulo — Março.

*O Marujo* — Janeiro, Fevereiro e Março.

## EXPEDIENTE

### A DEFESA NACIONAL MUDOU DE CÓR

Chamamos a attenção dos nossos representantes para este facto — A CAPA DA REVISTA MUDOU DE CÓR. Isto quer dizer que *principiou novo semestre*. Vivendo a revista exclusivamente á custa das assignaturas, não tendo fundos em reserva e se achando em condições financeiras muito precarias, não poderá continuar a ser publicada si os assignantes — que não tiverem consignado — não satisfizerem — *adiantadamente* — ao pagamento do novo semestre.

Assim rogamos aos nossos representantes envidarem esforços no sentido de aproveitarem a bôa vontade de nossos prezados assignantes.

### CAPITÃO NILO VAL

«A Defesa Nacional», ao afastar-se de sua direcção como redactor chefe, o Capitão Nilo Val, por motivo da eleição da actual administração, cumpre o grato dever de assignalar os reaes e relevantes serviços que em seu posto lhe prestou com a maxima dedicação. A Revista atravessava, então, uma crise, consequencia de factores varios e é com o maximo reconhecimento que ella tem o prazer de proclamar, sem restricções, deve o tel-a vencido galhardamente á pertinacia inquebrantavel desse illustre camarada, cujo caracter e capacidade profissional só podem enobrecer á brilhante arma a que pertence.

A actual redacção espera que, apezar de afastado do posto que tão bem soube dignificar, o illustre camarada continuará a cooperar no desenvolvimento de seu magno e patriótico programma.

### Preços das assignaturas

Por semestre .....	9\$000
Por anno .....	18\$000

Os assignantes poderão fazer o pagamento por consignação em folha de vencimentos, o que facilitará a administração da revista e a elles proprios, ou pagar adeantadamente aos nossos representantes ou ao thesoureiro.

As assignaturas para os alumnos da Escola Militar e praças de pret terão redução de preço custarão 5\$ por semestre e 10\$ por anno pagos adeantadamente.

São nossos agentes de annuncios nesta Capital o 1.º sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.º sargento Mariano Alcides de Castro, que estão auctorizados a receber as importâncias relativas aos referidos annuncios.

# PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas.

Sua administração é a seguinte:

*Director* — General Jonathas Barreto.

*Inspector do Ensino* — General Alcides Bruce.

*Thesoureiro* — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

*Secretario* — Major Augusto Feliciano Pereira Pinto.

## Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA  
PARA  
**Instrução e Exercício**  
DAS  
**Tropas de Saúde em tempo de paz**  
POR  
**ALVES CERQUEIRA**

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166 e  
«Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

**PAGINAS PERDIDAS**  
ACERCA DA  
**ORGANISACAO SANITARIA DO EXERCITO**  
POR  
**ALVES CERQUEIRA**

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166 e  
«Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

# MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSISTENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração e organisação. Os seus principaes fins são :

1º—Conceder pensões mensaes e vitalicias ;

2º—Cuidar da educação dos filhos menores do socio que os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO continua em franca prosperidade ; seu patrimonio, de accôrdo com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6% ao anno, aos seus socios, e de 8% aos que não pertencerem ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a trezentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, declarando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu, tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club, funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao **Major Augusto Feliciano Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida io Branco n. 251. D. F.**